

# Comunicações

N.º 237 • DEZEMBRO/FEVEREIRO 2020/2021 | ANO 33 • PORTUGAL • 3,25€

## QUE PORTUGAL DIGITAL QUEREMOS CONSTRUIR?

AS AMBIÇÕES DA PRESIDÊNCIA  
PORTUGUESA

TRANSIÇÃO DIGITAL NACIONAL  
ESTÁ A ACELERAR

REDES DE COMUNICAÇÕES  
INVESTIR E INOVAR É PRECISO





# Empresas que **digitalizam** Portugal

Os novos desafios exigem mudança. A transformação digital das empresas e organizações é inevitável para terem um futuro com sucesso.

Mas para se ir mais longe não se pode ir sozinho, por isso a Altice Empresas vai continuar a inovar e a garantir que todas as empresas tenham acesso aos melhores serviços, para que possam ser mais competitivas e tornar Portugal mais digital.

Para mais informações sobre os nossos serviços fale com o seu gestor ou ligue 16 206

**Empresas que mudam Portugal**



Eduardo Fitas [eduardo.fitas@accenture.com](mailto:eduardo.fitas@accenture.com)

# O paradoxo de Stockdale

*“You must never confuse faith that you will prevail in the end – which you can never afford to lose – with the discipline to confront the most brutal facts of your current reality, whatever they might be”*

Infelizmente, não iniciámos 2021 da forma que prevíamos e muito menos desejávamos. Numa primeira fase de pandemia, apesar de todos os impactos negativos, podemos dizer que passámos o exame com distinção. Mas chegar a este momento com os problemas que conhecemos não estava claramente nos nossos pensamentos.

Independentemente das razões que nos trouxeram a este ponto, a responsabilidade foi de todos. Tal como será de todos a missão de voltarmos à “normalidade” o mais rapidamente possível. Chegará o momento de apurar responsabilidades, mas o foco imediato terá de ser na resolução dos temas que desaceleram a nossa recuperação.

Se há algo onde podemos melhorar é no tempo que nos leva dos pensamentos e dos diagnósticos às ações. Tal como advogam os militares, temos de esperar sempre o melhor, mas prepararmo-nos para o pior. Devemos celebrar o que fazemos bem, mas sem que isso nos impeça de progredir e ambicionar patamares mais altos e atuar depressa e com foco no que é relevante. Os ciclos de estabilidade são cada vez mais curtos e nunca há certezas sobre quando vai chegar uma nova necessidade de mudança.

Há um tema que ilustra bem a dificuldade que temos em garantir o foco no que é realmente importante e a motivação e capacidades para

reagir rapidamente. Aparentemente, somos, com Malta, Chipre e Lituânia, os únicos países europeus ainda sem oferta comercial de 5G. Durante o processo de discussão do modelo a seguir, a preocupação centrou-se quase sempre no contributo para criar mais concorrência no mercado. Já a discussão de como podemos aproveitar esta oportunidade para aumentar a competitividade da economia e melhorar as condições na sociedade ficou para segundo plano.

Confrontados com estes factos, não podemos de todo deixar que sejam impeditivos de operar as transformações de que necessitamos. Pelo contrário. Os eventuais erros cometidos devem ser vistos como aprendizagens para que não se repitam e o tempo que perdemos só nos deve motivar para acelerar o passo para o recuperar. As oportunidades vão continuar a surgir e temos de fazer o que for necessário para as aproveitar.

Estão previstos níveis de investimento dos fundos de recuperação como nunca houve e há planos ambiciosos para o digital a nível europeu e nacional. Como fica bem evidente pelos temas em destaque nesta edição da COMUNICAÇÕES, temos todas as condições para nos catapultarmos para uma posição de destaque no *ranking* de competitividade europeu e assumirmos um papel de liderança neste processo de construção de uma economia e sociedades digitais.

A responsabilidade para que isso aconteça é de todos e cada um de nós e não pode ser delegada. Portanto, vamos arregaçar as mangas e garantir que conseguimos ultrapassar os obstáculos e enfrentar os desafios, preparando desde já o nosso futuro comum!\*

## A ABRIR 6

## 5 PERGUNTAS A 12

Fernando Braz, *country manager* da Salesforce

## TEMA DE CAPA 14

Das marcas que a presidência portuguesa quer deixar à aceleração da digitalização ao papel crucial das redes de comunicações: tudo o que precisa saber sobre a construção do futuro digital

## NEGÓCIOS 37

As empresas que ganharam e as que se reinventaram com a crise pandémica

## I TECH 42

Vicente Huertas, CEO Indra Minsait em Portugal

## MANAGEMENT 44

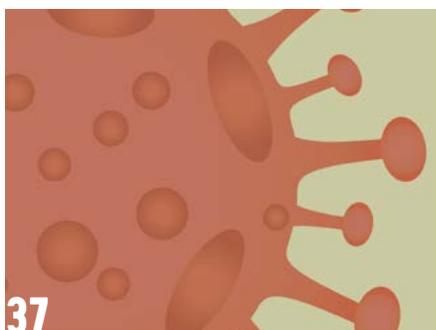
As empresas de trabalho remoto estão a multiplicar-se

## APDC NEWS 50

## CIDADANIA DIGITAL 62

Emprego+Digital, o modelo de formação desenhado pelas empresas

## ÚLTIMAS 64



FICHA TÉCNICA  
COMUNICAÇÕES 237



Propriedade e Edição

### APDC – Associação Portuguesa para o Desenvolvimento das Comunicações

**Diretora executiva**  
Sandra Fazenda Almeida  
sandra.almeida@apdc.pt

Rua Tomás Ribeiro, 43, 8.º  
1050-225 Lisboa  
Tel.: 213 129 670  
Fax: 213 129 688  
Email: geral@apdc.pt

NIPC: 501 607 749

**Diretor**  
Eduardo Fitas  
eduardo.fitas@accenture.com

**Chefe de redação**  
Isabel Travessa  
isabel.travessa@apdc.pt

**Secretária de redação**  
Laura Silva  
laura.silva@apdc.pt

**Publicidade**  
Isabel Viana  
isabel.viana@apdc.pt

**Conselho editorial**  
Abel Aguiar, Carlos Leite, Célia Reis, Eduardo Fitas, Filipa Carvalho, Francisco Febrero, Francisco Maria Balsemão, Helena Féria, João Zúquete, José Correia, José Manuel Paraíso, Manuel Maria Correia, Marina Ramos, Miguel Almeida, Nelson Teodoro, Olívia Mira, Pedro Faustino, Pedro Gonçalves, Pedro Rocha Vieira, Ricardo Pires Silva, Rogério Carapuça, Sérgio Lee, Vicente Huertas Prado e Vladimiro Feliz

**Edição**  
Have a Nice Day – Conteúdos Editoriais, Lda  
Av. 5 de Outubro, 72, 4.º D  
1050-052 Lisboa

**Coordenação editorial**  
Ana Rita Ramos  
anarr@haveaniceday.pt

**Edição**  
Teresa Ribeiro  
teresaribeiro@haveaniceday.pt

**Design**  
Mário C. Pedro  
marioeditorial.com

**Fotografia**  
Vitor Gordo/Syncview  
Bárbara Monteiro/Syncview

**Periodicidade**  
Trimestral

**Tiragem**  
3.000 exemplares

**Preço de capa**  
3,25 €

**Depósito legal**  
2028/83

**Registo internacional**  
ISSN 0870-4449  
ICS N.º 110 928





ERICSSON



[ericsson.com/5g](http://ericsson.com/5g)

## MIGRAÇÃO PARA A CLOUD PÚBLICA REDUZ EMISSÕES E CUSTOS

A **MIGRAÇÃO** para a *cloud* pública permite a redução significativa de emissões de carbono das TI em 5,9%, o que equivale a quase 60 milhões de toneladas de dióxido de carbono/ano ou a retirar 22 milhões de carros das estradas. As conclusões são de um estudo da Accenture Strategy, “The Green Behind The Cloud”, baseado na experiência do grupo no apoio a migrações de *cloud* sustentáveis junto dos seus clientes. Ficou demonstrado que as empresas podem obter maior valor através de procedimentos ambientalmente corretos e usando serviços em *cloud*. Cerca de 59% dos CEO afirmam estar a implementar a utilização de energia renovável e de baixo carbono, enquanto 44% acreditam num futuro “carbono zero” para a sua empresa. Dois terços encaram tecnologias como a *cloud* essenciais para acelerar a mudança e cumprir compromissos ambientais e também reconhecem os seus benefícios financeiros: com poupanças até 40% do custo total de propriedade da *cloud* pública, impulsionada pela maior flexibilidade de profissionais, melhores taxas de utilização dos servidores e uma infraestrutura mais eficiente em termos de energia .•



Estudo da Accenture Strategy estabelece associação clara entre *standards* ambientais e a adoção de serviços na *cloud*

## MÁQUINAS INTELIGENTES CONECTADAS GANHAM RELEVÂNCIA ATÉ 2030

OS **CONSUMIDORES** que adotam tecnologias em fases iniciais antecipam que a conectividade inteligente vai permitir serviços que ultrapassarão as experiências atuais de banda larga móvel. Assim, antecipa-se que o aumento das máquinas inteligentes conectadas dará múltiplas oportunidades de novos serviços de rede inteligente para os prestadores de serviços 5G. Segundo a 10ª edição do relatório do ConsumerLab “As 10 principais tendências de consumo”, da Ericsson, há pelo menos 112 conceitos de máquinas inteligentes conectadas, de uma perspetiva centrada no ser humano a uma perspetiva mais racional. Em resultado do trabalho, obteve-se uma visão geral das dez funções que os consumidores esperam que as máquinas inteligentes conectadas assumam no dia a dia até 2030, com os avanços na tecnologia de comunicações móveis, onde se destaca o 5G, e a IA. *Bots* corporais, anjos da guarda, *bots* da comunidade, *bots* da sustentabilidade, defensores do *home officing*, explicadores, indicadores da conectividade, *bots* malfetores, criadores de conteúdo multimédia e *bots* autoritários são as dez funções identificadas. •

ILUSTRAÇÃO VECTORJUICE/FREEPIK



SAVE THE DATE

## CURIOSIDADE

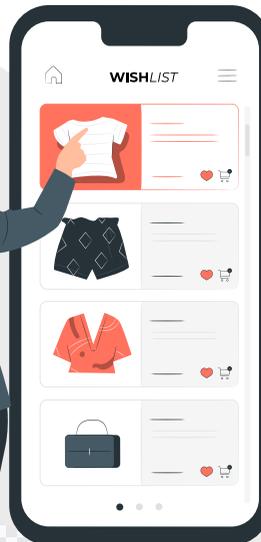
### DOAR TEMPO DE COMPUTAÇÃO PARA COVID-19

É um projeto voluntário de *crowdsourcing* que decorreu no âmbito do OpenPandemics-COVID-19. Juntou a IBM Cloud e a Scripps Research e levou milhares de pessoas em todo o mundo a doar através de uma *app* do World Community Grid da IBM a capacidade de processamento dos seus computadores e *smartphones*, no equivalente a 70 mil anos de computação. Objetivo: ajudar os cientistas a combater a pandemia. Foi assim que entre maio e novembro foram identificados 70 componentes químicos que podem ser promissores no tratamento da pandemia.



## SABER FIDELIZAR UM CONSUMIDOR CONECTADO

O **RETAILHO** tem sido um dos setores mais afetados pela pandemia da COVID-19, o que tem incentivado as vendas *online* e o comércio eletrónico, levando as lojas a acelerarem uma digitalização que já fazia parte das suas estratégias futuras. Apostar no omnicanal, fazer uma utilização inteligente dos dados e usar soluções de IA terão de ser apostas, mostra o relatório “A Reinvenção do Sector do Retailho”, da Minsait, do grupo Indra. Constatando-se uma adesão significativa aos canais *online* e à digitalização pelos consumidores, as empresas estão a investir mais em tecnologia para dar resposta às novas tendências. Cada vez mais, os potenciais clientes confiam nos canais *online*, mas exigem melhores condições e garantias de devolução, segurança nos pagamentos eletrónicos, excelência em termos de prazos, modalidades e condições de entrega, facilidade de utilização dos *sites* ou aplicações e a ligação entre loja física e canal *online*. O estudo mostra que sete em cada dez clientes utilizaram ou estariam dispostos a utilizar tecnologias relacionadas com a visualização e exploração de produtos nas compras *online*, o que permite prever uma maior intenção de usar tecnologias como a realidade aumentada ou virtual, rastreabilidade e informação sobre a origem através do *blockchain* na alimentação, ou o *visual search*. A utilização inteligente de dados e a personalização da experiência e produtos foram reforçados como valores-chave para melhorar a compra.



## 8 TENDÊNCIAS E PREVISÕES PARA 2021 NA ANALÍTICA E IA

O **SAS** reuniu os seus especialistas de renome da EMEA para prever as tendências para 2021 e identificou as seguintes: reconfiguração da *cloud* para analítica; decisores começam a confiar na IA; vilas inteligentes alcançam cidades inteligentes; o ano da vacina; consumidores ganham mais controlo com tudo remotamente; nativos de dados entram para a força de trabalho; farmacêutica que prioriza o paciente salva mais vidas; e organizações da “velha guarda” têm novas oportunidades para se reinventar com analítica. Estas são as principais previsões do SAS para 2021, que mostram que a natureza disruptiva do ano passado também traz algumas oportunidades, sendo que muitas envolvem dados, analítica e transformação digital. No processo de reconstrução da economia global, a digitalização será a chave para enfrentar qualquer desafio económico, de saúde, ecológico ou social. Para além da saúde, muitos são os setores que, devido à crise, tiveram de adotar rapidamente ferramentas digitais para continuar a sua atividade e não há como voltar atrás neste processo.

A reconfiguração da *cloud* para analítica vai ser, segundo previsões do SAS, uma das tendências deste ano

**SOUND BITES :-b**

“O que aconteceu com Donald Trump revela que as tecnológicas começaram a olhar para a questão, não só devido a uma maior pressão social, mas sobretudo porque isso se transformou num problema de natureza comercial, e, como tal, mau para o negócio”

**Celso Filipe, Jornal de Negócios, 12/01/2021**

“Na reta final do mandato, Twitter, Facebook, Instagram e YouTube podem agora calar as mentiras de Trump. Mas nada apaga a inércia dos últimos cinco anos. Para quem andou atento, estas medidas, necessárias há muito, não passam agora de meras estratégias oportunistas de gestão de crise”

**Flávio Nunes, ECO online, 07/01/2021**

“O futuro dos correios em Portugal continua algo incerto. Governo e CIT acertaram a extensão do contrato de concessão do serviço postal, mas os CIT continuam insatisfeitos e a lançar avisos ao executivo. Eis uma privatização que continua a levantar muitas dúvidas e interrogações”

**Martim Silva, Expresso online, 04/01/2021**

“Abriu a caça aos monopólios digitais. (...) Esta mentalidade chega com cinco anos de atraso e parte do mal já está feito, mas ainda não é tarde demais para evitar que estes gigantes matem a onda criativa que moldará a próxima fase da *internet*. (...) Precisamos todos de pessoas como Page, Brin, Bezos e até Zuckerberg — mas das suas versões jovens e idealistas, não das suas versões gananciosas e conformistas”

**Diogo Queiroz de Andrade, ECO online, 13/12/2020**

## PREPARAR FERRAMENTAS PARA RESPONDER AOS CIBERATAQUES

**HÁ PELO MENOS CINCO TENDÊNCIAS** de cibersegurança que afetam organizações e governos, mostra o “2020 Cyber Threatscape Report” da Accenture, que visa antecipar os principais desenvolvimentos nesta área e fornecer soluções. Os cinco fatores que influenciam o cenário das ameaças cibernéticas são: a pandemia, que acelerou a necessidade de adoção de ferramentas de segurança; novas e sofisticadas ameaças à continuidade de negócios; a complexidade dos ataques cibernéticos, que torna a sua deteção cada vez mais difícil; as práticas de ransomware, que alimentam muitos negócios rentáveis e escaláveis; e a conectividade crescente, com tecnologias poderosas, que expõe mais sistemas críticos. Perante este cenário, há que pensar “anytime, anywhere”, garantindo a proteção de utilizadores, dispositivos e tráfego de rede de forma consistente e com o mesmo grau de eficácia. Ser transparente, ter respostas mais ágeis, simplificar onde for possível e ser resiliente são outras apostas que se recomendam.

A pandemia é um dos fatores que veio acelerar a necessidade de apostar em soluções de proteção contra ataques cibernéticos

## PRODUTIVIDADE E INOVAÇÃO NO NOVO MUNDO DE TRABALHO HÍBRIDO

**A PANDEMIA** veio mudar a forma de trabalhar e as expectativas de líderes e colaboradores. E, cada vez mais, o modelo de trabalho híbrido assume-se como a opção do futuro para as organizações de quase todas as áreas de atividade. Em Portugal, 35% dos colaboradores afirma que gostaria de trabalhar fora do ambiente de trabalho tradicional, embora se continue a valorizar trabalhar no escritório, considerando o espaço físico como uma forma importante de manter os laços com os colegas. Esta é a realidade que revela o estudo da Microsoft com a BCG e a KRC Research, realizado em 15 países europeus. Apresentando conclusões e orientações para melhorar a produtividade e a inovação no novo mundo de trabalho híbrido – presencial e remoto, este trabalho revela que mais de 92% dos líderes nacionais antecipam a permanência do teletrabalho na fase pós-pandemia, detendo já 86% das empresas uma política de trabalho flexível, quando em 2019 eram apenas 15%. O estudo mostra também que o trabalho flexível em organizações com uma cultura de inovação é encarado pelos líderes de forma mais otimista em termos de crescimento: 49% dos líderes em empresas nacionais inovadoras esperam sair da pandemia mais fortes, quando nas empresas menos inovadoras são apenas 24% a afirmá-lo.

# FRAUDES COM PAGAMENTOS ONLINE DISPARAM COM PANDEMIA

O AUMENTO exponencial dos pagamentos *online*, com a COVID-19, fizeram disparar a fraude e o crime financeiro. O risco global é crescente, já que a fraude digital está a aumentar em frequência e sofisticação. Por isso, as organizações de serviços financeiros precisam de tecnologia em camadas e recursos analíticos para identificar ameaças sobrepostas em tempo real, assim como usar dados para análises em tempo real e ações automatizadas, se quiserem prosperar no novo normal digital. O alerta é de um estudo do SAS e da Javelin Strategy & Research. Comprova-se que o crescimento das compras *online* e dos pagamentos sem contacto impulsionou um recorde de vendas, numa mudança digital que foi a salvação em tempos de crise. Mas a utilização crescente do digital está também a alimentar um aumento de fraudes, revela o “The Escalation of Digital Fraud: Impacts of the Coronavirus on Global Fraud Challenges”. O estudo mostra que o combate efetivo do problema requer o aproveitamento de um conjunto mais amplo de dados digitais e uma abordagem híbrida de várias camadas para a tomada de decisões. Os dados são considerados essenciais, sendo a sua utilização para análises em tempo real e ações automatizadas crucial para prosperar no novo normal digital.

As organizações de serviços financeiros precisam de tecnologia em camadas e recursos analíticos para identificar cibercrime

## NÚMEROS

### 401,1 MIL MILHÕES

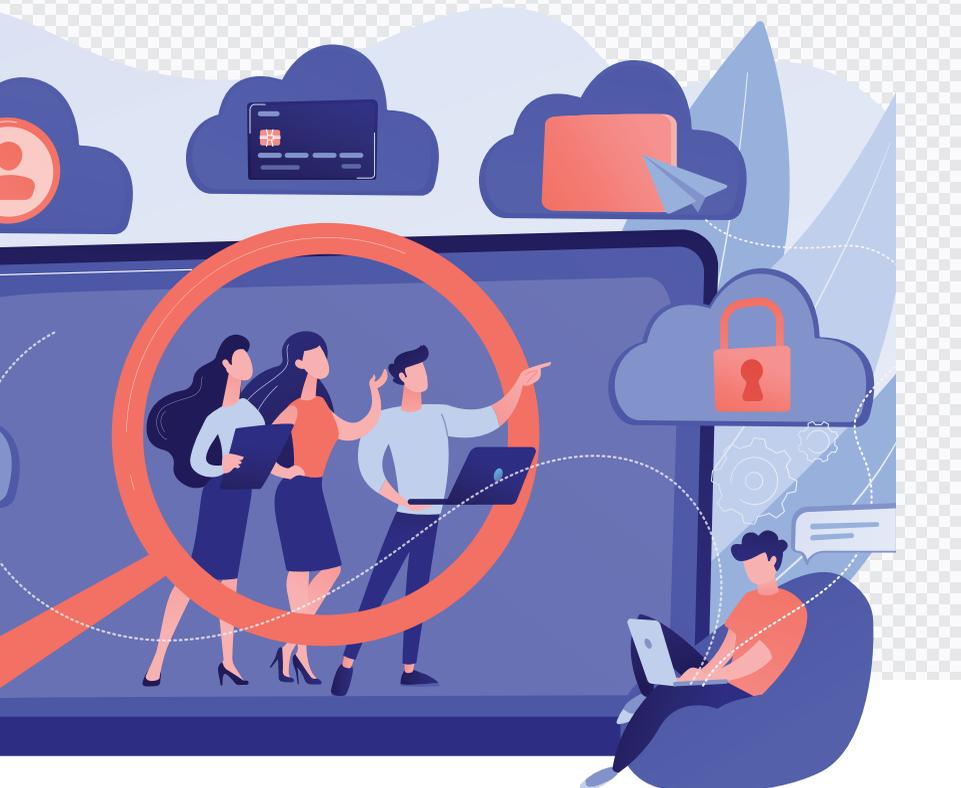
Foi o crescimento, em dólares, da capitalização bolsista da **Amazon** durante a pandemia em 2020. A gigante fundada por Jeff Bezos encerrou o terceiro trimestre do ano com 6,3 mil milhões de dólares de lucros, três vezes mais que em igual período de 2019. A forte procura da sua plataforma de comércio eletrónico, com o confinamento, e o grande aumento de clientes do seu serviço de streaming de filmes e séries, o Amazon Prime Video, explicam estes resultados.

### 188 MIL MILHÕES

É a fortuna, em dólares, do patrão da Tesla e da SpaceX, que se tornou na primeira semana de janeiro no homem mais rico do mundo. **Elon Musk** ultrapassou Jeff Bezos, o fundador da Amazon, no índice de bilionários da Bloomberg, ranking das 500 maiores fortunas do mundo. A valorização das ações da Tesla permitiu-lhe aumentar a fortuna em mais 1,5 mil milhões de dólares que Bezos, que liderava o pódio desde outubro de 2017. Só em 2020 o património líquido de Musk subiu mais de 150 mil milhões de dólares e a Bloomberg justifica a mexida no pódio com o aumento sem precedentes do preço das ações de Tesla (mais 743%).

### 27,7 MIL MILHÕES

É o montante, em dólares, que a Salesforce vai dar pela **Slack**, considerada uma das principais empresas de CRM. Com esta aquisição, a maior de sempre do grupo de gestão de relações com clientes, pretende-se moldar o futuro do software empresarial e transformar a forma de trabalhar num mundo totalmente digital, a partir de qualquer lugar. O negócio deverá estar concluído até junho de 2021.



SOUND BITES :-b

“Se 2020 foi o ano de todas as incertezas, 2021 promete ser o ano de todos os perigos, mas também o ano em que Portugal, para sobreviver e avançar, terá que mostrar a sua marca ao mundo, deixar para trás atavismos e indecisões, e juntar músculo, coração e cérebro à conhecida alma lusitana”

**Nuno Fernandes Thomaz, ECO online, 12/12/2020**

“É tão evidente que isto (regulamento do leilão 5G) é discriminatório e que põe em causa objetivos e prioridades que a Europa hoje procura. Andamos em sentido contrário. Fizemos um regulamento de século XX no século XXI”

**Mário Vaz, Jornal de Negócios, 23/11/2020**

“5G é tema que continua nas bocas do mundo económico – e não é pelos melhores motivos, já que a discussão está em torno da guerra entre os operadores e o regulador, a Anacom, por causa das regras do concurso (...) e não em torno das vantagens e das desvantagens”

**Pedro Lima, Expresso online, 20/11/2020**

“Se a Anacom quer forçar mais concorrência entre os operadores, tem instrumentos para o fazer sem querer, ela própria, ser um jogador de mercado. Ou destruí-lo”

**António Costa, ECO online, 19/11/2020**

## MIL MILHÕES DE PESSOAS COM ACESSO AO 5G NO FINAL DE 2020

**APESAR** das incertezas causadas pela pandemia, o ritmo de introdução do 5G aumentou em 2020, tanto ao nível da rede como dos dispositivos. Estimativas do Mobility Report, da Ericsson, revelam que no final do ano passado cerca de mil milhões de pessoas tinham acesso a estas redes móveis de alta velocidade, registando-se um total de 220 milhões de subscrições (sendo 80% na China). Dentro de seis anos, serão 3,5 milhões os clientes do 5G, representando 50% do tráfego de dados móveis. O trabalho salienta que o 5G trará a implementação mais rápida de qualquer geração de conectividade móvel, uma vez que em 2026 quatro em cada dez subscrições de redes móveis serão de 5G e a cobertura será já de 60% da população global. O sucesso do 5G não se explica apenas pela cobertura ou pelas subscrições. O seu valor será determinado por novas aplicações e novos casos de utilização, que já começaram a emergir, como a introdução nas redes 5G do IoT essencial, destinado a aplicações urgentes que exigem um fornecimento de dados dentro de um determinado período, ou os jogos na *cloud*.

Estima-se que dentro de cinco anos os clientes do 5G ascendam aos 3,5 milhões, representando 50% do tráfego de dados móveis



ILUSTRAÇÃO PCH/VECTOR/FREEPIK



## **A qualidade da Cloud Amazon mais próxima da sua empresa**

A NOS disponibiliza no seu Data Center o Outpost da Amazon Web Services. Este serviço inovador de edge computing potencia a adoção da cloud híbrida em cenários onde a baixa latência e a localização dos dados são essenciais.

Conheça esta alavanca para a transformação digital das empresas em [nos.pt/empresas](https://nos.pt/empresas).

FERNANDO BRAZ

# Começar a construir do zero

O potencial do mercado nacional está na base da decisão da Salesforce de entrar diretamente em Portugal, com a abertura, em maio, de um escritório. Criar o projeto de raiz é a missão do novo *country leader* da gigante de CRM mundial. Fernando Braz tem como meta consolidar a presença da marca junto das grandes empresas e focar atividades nas PME.

Texto de Isabel Travessa | Fotos de Vítor Gordo/ Syncview

**Tornou-se *country leader* da Salesforce para Portugal em maio último, em plena pandemia. Como está a ser este desafio?**

Está a ser um desafio maravilhoso. Embora tenha um passado profissional em tecnológicas, nunca tinha começado do zero a construção de um escritório e de uma equipa local, o que tem sido muito entusiasmante. Temos ainda muito trabalho pela frente, mas queremos que Portugal mantenha os níveis de crescimento que temos vindo a verificar, em linha com a Europa, e é para isso mesmo que abrimos agora este escritório em Lisboa. Esta proximidade vai permitir-nos fortalecer a relação que temos com todos os nossos parceiros, assim como com os clientes diretos.

**Além da criação do escritório em Portugal, estava prevista a contratação de pessoas até final do ano. Qual o ponto de situação do projeto e para onde caminham?**

A Salesforce já tinha presença em Portugal, junto de inúmeras empresas, através de parceiros nossos que operam no mercado. Pelo enorme potencial do mercado europeu em geral e do português em particular, avançamos agora com uma presen-

ça mais próxima, herdando algum trabalho feito no passado. Ainda assim, o objetivo é o de crescer e a equipa crescerá sempre com a base de clientes. Pelo que, neste momento, prevemos contratações pontuais e essencialmente para o departamento comercial.

**Quais são os principais objetivos da Salesforce para o mercado nacional?**

Arrancámos com a nossa atividade local com dois grandes objetivos. Primeiro, o de consolidar a nossa presença junto de grandes empresas portuguesas, sendo que algumas já são nossas clientes, como a SONAE MC, o Pestana Hotel Group ou o Grupo Brodheim. Depois, o de expandir a nossa presença e focarmo-nos naquele que é o grosso do tecido empresarial português, as pequenas e médias empresas.

**Enquanto gigante mundial de CRM, o grupo acaba de anunciar a compra da Slack, a sua maior aquisição de sempre. O que poderá representar este movimento para Portugal, tendo em conta que o teletrabalho veio para ficar?**

Não temos dúvidas de que o trabalho remoto veio para ficar, mesmo

que em moldes híbridos. O ano de 2021 vai espelhar este misto, entre o trabalho a partir de casa e experiências no escritório, abrindo a porta a uma maior flexibilidade. Considero que ainda é demasiado cedo para falarmos da aquisição da Slack, até porque ainda não está completamente fechada, mas estamos entusiasmados com o que isso vai significar para as empresas que são nossas clientes. A possibilidade de fornecermos serviços cada vez mais integrados na simplificação da comunicação com todos os seus públicos - interno, externo e parceiros, entre outros, é, sem dúvida alguma, uma mais-valia.

**O seu percurso profissional tem sido sempre na área tecnológica. O que mais o fascina e desafia neste mundo?**

A tecnologia é fascinante. Não só pela permanente evolução das mais diversas ferramentas, como pelo constante surgimento de novidades. Essencialmente, o mundo está sempre a mudar e 2020 foi um ano que mostrou isso de forma muito clara. A evolução tecnológica permite que todos nós, pessoas singulares, mas também empresas e demais organizações, possamos acompanhar este movimento de uma forma extraordinariamente ágil, pela flexibilidade e simplicidade que a tecnologia oferece.



“Nunca tinha começado do zero a construção de um escritório e de uma equipa local, o que tem sido muito entusiasmante”

# O CHARME DISCRETO DO HUMANISMO PORTUGUÊS

Num contexto difícil, com o Brexit a consumir-se e a pandemia a ameaçar novas réplicas, a presidência portuguesa arrancou com um caderno de encargos onde consta nada menos do que a ambição de relançar a Europa. Através da transição ambiental e digital, mas também da afirmação dos seus valores.

TEXTO DE TERESA RIBEIRO FOTOS DE ISTOCK E CEDIDAS



Durante a presidência portuguesa será implementado, entre outros, o Programa Europa Digital, o primeiro que foi construído para acelerar e impulsionar a transformação digital na União Europeia

**C**om o novo Quadro Financeiro Plurianual em vigor e a constituição de um Fundo de Recuperação de 750 mil milhões destinado a apoiar os Estados-membros na recuperação da crise pandémica, a presidência portuguesa da União Europeia encontrou condições para começar alinhada com o seu mote: “Tempo de Agir”. Logo que os planos de recuperação económica e social dos diversos Estados-membros sejam validados pelo Conselho Europeu, o gabinete português poderá começar a transferir as primeiras tranches de fundos para as economias. Essa será a prioridade, em tempos ainda marcados pela crise pandémica. Mas Portugal quis deixar uma impressão digital durante a sua quarta passagem pela presidência europeia. Algo que amadureceu durante todo o ano de 2020, o tempo de que dispôs para preparar este seu mandato de seis meses à frente da UE.

Durante este período, a preparação da agenda e reuniões do Conselho Europeu serão da responsabilidade do *staff* da Representação Permanente de Portugal em Bruxelas e caberá aos ministros do governo português dirigi-las.

A presidência portuguesa coincide com um ciclo legislativo da Comissão Europeia, de onde se destacam importantes iniciativas destinadas à regulação da economia digital. São *dossiers* complexos, do ponto de vista técnico, legal e até político. Matérias impossíveis de fechar durante os próximos seis meses, mas cuja negociação, admite Ricardo Castanheira, coordenador da área digital e telecom da REPER, Portugal espera poder avançar consideravelmente.

De entre os *dossiers* em curso está o “ato da governação de dados”, proposta legislativa que visa eliminar barreiras à utilização e reutilização dos dados produzidos pela Administração Pública. Mas a estrela da recente produção legislativa da Comissão Europeia, já apontada como a que reflete a maior revisão dos últimos 20 anos, é o pacote dos serviços digitais, que compreende o “ato dos serviços digitais”, destinado a regular as plataformas digitais, a sua gestão de conteúdos e a forma como são responsabilizadas por essa atividade; e o “ato dos mercados digitais”, focado nas questões da concorrência entre plataformas. Lançados no final do

ano passado, ambos começam a ser negociados agora, pelos portugueses. Trata-se de matérias decisivas, que vão impactar a forma como o mercado está organizado e que, sublinha Ricardo Castanheira, “serão objeto do *lobby* mais forte alguma vez visto quer em Bruxelas, quer nas várias capitais”, precisamente porque “obrigarão à desconstrução de modelos de negócio e dos paradigmas digitais a que estamos habituados”.

Durante a presidência portuguesa será também implementado o Programa Europa Digital, o primeiro que foi construído para acelerar e impulsionar a transformação digital na UE. Concebido para financiar projetos em áreas como super-computação, inteligência artificial e cibersegurança, tem por principal objetivo incentivar o amplo uso de tecnologias digitais na economia e sociedade.

Este programa complementa outros, como o Horizon Europe, o programa da UE para pesquisa e inovação, e o Connecting Europe Facility, para as infraestruturas digitais.

No seu conjunto, todas estas iniciativas revelam uma aposta concertada e sem precedentes da Europa comunitária na transição digital.

#### LINK ESTRATÉGICO

Sabendo que se encontraria ao leme da UE neste momento estratégico, Portugal preparou-se e, com a bênção da Comissão Europeia, quis deixar a sua marca, aproveitando os momentos certos. Em 19 de março, durante o Digital Day, evento que em regra costuma realizar-se em Bruxelas, mas que Portugal conseguiu trazer para o Porto, o plano é colocar em cima da mesa algumas declarações que consubstanciam prioridades nacionais.

Para esta edição, Portugal coorganizou com a Comissão Europeia três declarações importantes. A primeira diz respeito à interconetividade internacional: “Para que a Europa se possa afirmar e, sobretudo, para as empresas europeias se destacarem no mundo, precisamos que a própria Europa se ligue com outras regiões do planeta e isso faz-se através da conectividade internacional, que em regra é feita através de cabos submarinos”, contextualiza o coordenador da área digital e telecom da REPER. “A nossa estratégia, que queremos



plasmar nesta declaração, é afirmar a necessidade de a Europa fazer um ponto de situação sobre a estrutura de conectividade internacional, aproveitando o facto de o primeiro cabo submarino que vai ligar a América do Sul à Europa ser inaugurado durante a nossa presidência”, explica.

Ricardo Castanheira refere-se a Ellalink, o cabo submarino que vai ligar a América do Sul à Europa através da cidade brasileira de Fortaleza e o nosso porto de Sines. Agendada para junho, a inauguração desta infraestrutura tem, para o secretário de Estado da Transição Digital, André Azevedo, “uma dimensão simbólica”, antecipando um outro projeto que colocará Portugal no sítio certo: “Há também uma derivada, entre a África do Sul e a América Latina, e, futuramente, uma ligação de África à Europa que também entrará por Portugal, através de outro cabo submarino, o To África. Esse será o maior cabo submarino, pois contornará todo o continente africano”.

Frisando a importância de garantir que Portugal venha a ser “a principal porta de entrada da Europa” destes cabos e o “nó de ancoragem” de todos eles, André Azevedo elogia as ótimas condições de acesso do país, “com muitas praias de areia, que criam menos atrito e riscos para a cablagem” e refere que já existe em Sines um *cluster* preparado para estabelecer esta conexão. Empolgado, o secretário de Estado antecipa os passos seguintes, quando se criarem *data centres* para tratar toda a informação veiculada pelos cabos, aproveitando para frisar que não tenciona “perder esta guerra”.

#### ALIANÇA GREEN-ICT E EMPREENDEDORISMO

A segunda declaração agendada para o Digital Day tem a ver com a *green transition*, conceito em que à transição digital se associa a noção de sustentabilidade. Ao definir que no plano de Recuperação e Resiliência 30% das verbas deveriam estar afetas ao ambiente e 20% à transição digital, a Comissão Europeia traçou um paralelo entre estas duas áreas que agora a presidência portuguesa deseja enfatizar, sublinhando a necessidade de envolver todos os *players*: “A ideia”, explica Ricardo Castanheira, “é que esta declaração possa fazer surgir uma aliança *green-ICT* que envolva governos e setor privado, num propósito que é estratégico, não só para a Europa, como para o mundo”.

Muito importante para Portugal, o tema do empreendedorismo constará da terceira declaração do Digital Day. Identificado, em parte devido à Web Summit, como *startup nation*, Portugal quer ajudar a fomentar na Europa a criação de um padrão – o European



Captar uma estrutura europeia permanente dedicada às startups é uma das ambições de Portugal, revela André Azevedo

Startup Standard – que harmonize regras, mecanismos de financiamento e de ordem burocrática que facilitem aos jovens empreendedores o lançamento dos seus negócios. André Azevedo considera muito importante ser Portugal a liderar esta iniciativa: “Isso permite-nos mais uma vez sermos perçecionados internacionalmente como um país que tem o trabalho de casa feito nesta área”. A ideia, segundo o secretário de Estado, é também aproveitar esta oportunidade para captar para Portugal uma estrutura europeia permanente que trate desta área”, algo que, estranhamente, ainda não existe na Europa comunitária.

#### A IMPRESSÃO DIGITAL

Mas o grande momento deste consulado português deverá ser o da Assembleia Digital, o evento que tradicionalmente encerra as presidências da União Europeia e que desta feita se realiza nos dias 1 e 2 de junho. Esta cerimónia trará a Lisboa não só representantes dos Estados-membros mas também *stakeholders* de setores privados e convidados de países terceiros.

Se existe uma impressão digital portuguesa nesta presidência é aqui que ela se revela em toda a sua ex-

tensão: durante a Assembleia Digital será assinada a Declaração de Lisboa, sob o mote “Democracia Digital com Propósito”, cujo conteúdo será o legado de Portugal à política comum europeia.

Associar uma dimensão ética ao projeto de recuperação e desenvolvimento comunitário foi uma ideia que germinou há cerca de um ano, quando a preparação da presidência portuguesa dava os primeiros passos. Em sintonia com a Comissão Europeia e um movimento que então nascia na sociedade civil, liderado pelo GeSI (ver texto “Caminhada para o céu”), foi tomando forma a proposta de uma *framework* comum destinada a afirmar os valores europeus como fator distintivo e unificador da comunidade europeia. É esse conjunto de princípios que Portugal deseja consagrar na Declaração de Lisboa, preenchendo uma importante lacuna no processo de desenvolvimento do mercado digital.

André Azevedo assume que esta é a grande aposta da presidência portuguesa: “Não existe nenhum mercado sem confiança e o mercado digital ainda sofre mais, porque é mais fluido. Portanto, se não criarmos aqui uma *framework*, com um quadro regulatório mínimo que induza confiança, podemos estar a prazo a pôr em causa esse mesmo mercado”. O secretário de Estado considera também que a ética europeia revelar-se-á um importante fator competitivo: “Temos um capital de credibilidade, de confiança, de valores democráticos, de respeito pelos direitos individuais, que fazem da Europa um parceiro fiável e essa pode ser uma grande vantagem”.

Daí que seja importante verter para um documento um *standard* europeu e que, à semelhança do que aconteceu com o Regulamento Geral de Proteção de Dados, em que a Europa definiu um novo patamar de exigência em termos de privacidade, o mesmo possa acontecer com a dimensão ética do digital. Algo que impactará a vida das empresas, mas também dos cidadãos, o que conduz a outra dimensão da discussão sobre ética: a da inclusão. Para que “ninguém fique para trás” no

*Também faz parte dos planos desta presidência criar contexto para atrair países de outras geografias à Europa*



Portugal espera poder avançar consideravelmente com as negociações sobre a regulação da economia digital europeia, partilha Ricardo Castanheira, coordenador da área digital e telecom da REPER

decurso do processo de transformação digital.

Também faz parte dos planos desta presidência criar contexto para atrair países de outras geografias à Europa. Parceiros potenciais que olham com receio

para as potências que não têm a matriz conceptual e ética europeia e que poderão provar, em termos práticos, que a confiança tem mesmo relevância como fator competitivo. Este trabalho de sedução será exercido nos diversos eventos que, apesar da pandemia, se mantêm na agenda coordenada pela representação portuguesa

em Bruxelas. Apostar na Europa global como estratégia para a sua recuperação económica, afinal, faz parte dos planos comunitários.✦

EllaLink

## O CAMINHO MARÍTIMO PARA A AUTONOMIA

**QUANDO A EUROPA APOSTA**, mais do que nunca, na sua abertura ao mundo, para se afirmar como grande potência tecnológica, é inaugurado o EllaLink, o cabo submarino que pela primeira vez a vai conectar diretamente com a América Latina.

A obra, que começou a ser construída em dezembro de 2019, representou um investimento de 170 milhões de euros para o

qual contribuiu a Comissão Europeia através do programa Building Europe Link to Latin America (BELLA). Constituído por capitais privados, o grupo EllaLink, ao longo deste processo, juntou diversas parcerias, nomeadamente com a empresa de telecomunicações madeirense EMACOM e a Cabo Verde Telecom.

Para este projeto ganhou também um *sponsor* de peso, o Marquerite II, um fundo europeu que é muito ativo nas áreas das energias renováveis, transportes e infraestruturas digitais.

Este interesse explica-se pelo que vai representar esta nova união entre os dois continentes. Até esta ligação se tornar realidade, os dados entre a Europa e a América Latina passavam necessariamente pelos Estados Unidos. O EllaLink vai romper com esta dependência através de um sistema de cabos submarinos de baixa latência de última geração. São 3.500 quilómetros de cabos, que em certos troços se encontram instalados a mais de 5.000 metros de profundidade. A porta de entrada desta rede, que tem ponto de saída em Fortaleza, na costa do Brasil, é Sines. Mas

o sistema compreenderá ramos que vão até à Praia, em Cabo Verde, e Funchal, na Madeira, e mais tarde conta expandir para Marrocos, Ilhas Canárias, Guiana Francesa e sudeste brasileiro.

Além de autonomia face aos Estados Unidos, o EllaLink garante maior segurança na circulação de dados, precisamente por fazê-lo diretamente. Este novo anel de fibra vai também

trazer maior velocidade nas comunicações e conectividade contínua, melhorando a *performance* de todas as plataformas de telecomunicações e serviços na *cloud*, em Portugal. Em particular, beneficiará de melhor conectividade com as ilhas e com o mundo, pois este sistema vai oferecer ao país mais independência e possibilidade de escolha, com melhor quali-

dade e a melhores preços ao nível das comunicações. Também proporcionará ligações seguras a *data centres* tanto em Lisboa, como Madrid e Marselha.

A estação da EllaLink integra também o Sines Tech – Innovation & Data Center Hub, espaço que combina acesso facilitado a redes de alta densidade de energia, rotas alternativas de fibra ótica de alta disponibilidade para Madrid e Lisboa, bem como condições para a ligação de cabos submarinos e o desenvolvimento de *data centres*.

É um passo de gigante que a Europa vai dar em termos de conectividade. O resto, que é muito, virá por acréscimo. •





# CAMINHADA PARA O CÉU

O que começou por ser um simples relatório, transformou-se num movimento mundial. “Digital with Purpose”, lançado pela associação empresarial GeSI, é agora um caminho feito em parceria com as mais diversas entidades, entre as quais a APDC e a própria presidência portuguesa da União Europeia.

TEXTO DE TERESA RIBEIRO FOTOS DE ISTOCK E CEDIDAS

**A**ntes de ganhar asas, Digital With a Purpose era apenas o tema de um relatório que espelhava a preocupação de uma associação empresarial, a Global Enabling Sustainability Initiative (GeSI). Acostumada a antecipar cenários, a organização liderada por Luís Neves (CEO) identificara, num estudo, um conjunto de impactos negativos e positivos no setor digital que decidiu partilhar.

A associação apresentou o estudo em Nova Iorque, mas também em Bruxelas, onde viria a cruzar-se com Ricardo Castanheira, coordenador da área digital e telecom da REPER. Foi este o momento zero da alian-

ça que viria a ser assumida na última edição da Web Summit, com a presença do secretário de Estado da Transição Digital, André Azevedo. Nas palavras de Luís Neves, este entendimento resultou de “uma feliz coincidência”: “Ricardo Castanheira disse-me que o nosso estudo coincidia com a visão que a presidência portuguesa da UE tinha para a Europa e que, portanto, era interessante vermos em que medida se podia alinhar a nossa estratégia empresarial com a estratégia política e a visão portuguesa para a Europa na área do digital”.

A perspetiva comum era a de “colocar Portugal e a UE num caminho, a que se poderia chamar terceira via

global, com o reposicionamento da Europa na área digital à volta dos valores da ética e do desenvolvimento sustentável”, explica O CEO da GeSI.

### VISÃO PARA 2030

Do diagnóstico à constituição de um movimento foi um passo que não estava previsto, mas que aos olhos de Luís Neves faz sentido: “Se queremos que a tecnologia digital seja vista como uma tecnologia fundamental para o futuro, o setor tem de resolver, de forma coerente e unida, os seus impactos negativos ao nível da gestão da privacidade, da cibersegurança, da economia circular e do *divide* (o fosso que o digital está a cavar entre ricos e pobres)”. O movimento, diz ele, “apareceu como uma *call to action* para o setor despertar”.

Através da colaboração entre os diversos *stakeholders*, o objetivo é reverter estas tendências negativas, criar condições para que cada vez mais pessoas tenham acesso à informação e aos seus benefícios. Ao mesmo tempo, contribuir para resolver as grandes questões que se colocam ao futuro da humanidade, como as alterações climáticas.

Luís Neves está empolgado com o interesse que o Digital With Purpose está a despertar, mas avisa: “Este movimento é diferente. Não é uma declaração de intenções, não pode ser uma feira de vaidades e promessas, como acontece em tantas cimeiras climáticas em que as empresas apresentam-se a dizer coisas como ‘Os meus objetivos para 2030 são o clima neutral’. Quando sabemos que clima neutral não é a mesma coisa que dizer: ‘Eu não vou ter emissões’”.

Exigente, decidido, Luís Neves, está interessado em apresentar resultados credíveis e sabe como fazê-lo: “Temos uma *framework* composta por uma série de indicadores que as empresas têm de seguir. Aqui não há lugar para *greenwashing*. Porque isto é uma caminhada para o céu: estamos a desenvolver este processo de forma a que a sustentabilidade seja um fator de competitividade e progresso. Ou seja, vamos fazer algo que é bom para a sociedade, mas que também é positivo para o negócio e com os olhos postos em 2030”.

### ALTAS EXPETATIVAS

Embora recém-nascido, o movimento já conta com 15 organizações aderentes. Como algumas são associações, como é o caso da APDC, significa que no conjunto são mais de 100 empresas a fazer parte do Digital With Purpose. Mas Luís Neves acredita que no final desta primeira fase de adesões chegará às 200 organizações inscritas.

Para que passem das promessas à realidade, as entidades envolvidas neste movimento devem seguir objetivos e deixar-se monitorizar regularmente. Um *standard board* independente, composto por entidades tão credíveis como a Universidade de Cambridge, que



**Luís Neves: “Este é um Movimento de líderes unindo forças numa corrida para cumprir o Acordo de Paris e as Metas de Desenvolvimento Sustentável até 2030. Acreditamos num mundo onde a tecnologia, a inovação e a colaboração podem transformar o destino do nosso planeta.”**

lidera este processo, a Universidade de Columbia, a Ford Foundation e o Carbon Disclosure Project, entre outras, assegura a credibilidade da *framework*. Existem diferentes níveis de acreditação que serão atribuídos como reconhecimento dos diferentes níveis de maturidade “na caminhada para o céu”. O objetivo é incentivar as empresas e permitir-lhes melhorar a sua reputação, posicionando-as melhor em relação a investidores e acionistas, dada a tendência crescente para finanças sustentáveis e o crescente escrutínio da opinião pública.

A GeSI é uma organização mundial e o objetivo deste seu movimento é global, mas tem uma forte componente europeia, agora ainda mais acentuada depois que estabeleceu uma ligação especial ao governo português e à presidência portuguesa da UE. É elevada a expectativa em relação ao papel que Portugal vai ter no impulsionamento do Digital With Purpose, pois partilha o mesmo ideal de associar a sustentabilidade ao digital e neste momento está bem posicionado para promover essa ideia.

“Gostaria muito”, confessa Luís Neves, “que em junho trouxéssemos ao Digital Assembly um conjunto significativo de CEO para apoiar esta estratégia e este caminho para a Europa”.

# CONSTRUIR UM FUTURO EM ECOSSISTEMA

O futuro é digital e há que acelerar. Portugal tem todas as condições para fazer diferente e posicionar-se no cenário europeu e mundial. Há visão, estratégia, alinhamento de vontades e dinheiro. Agora, é fazer acontecer. E depressa.

TEXTO DE ISABEL TRAVESSA FOTOS DE ISTOCK, UNPLASH E VÍTOR GORDO/ SYNCVIEW



**N**unca como hoje o digital se revelou tão essencial para o funcionamento da economia e da sociedade. Em plena terceira vaga da pandemia e quando o país volta a viver um novo confinamento, porque a COVID-19 não dá tréguas e continuamos a bater recordes pelas piores razões, as aprendizagens de quase um ano deste “novo normal” que nada tem de normal mostram que é preciso acelerar as medidas do Plano de Ação para a Transição Digital. Em ecossistema alargado, fazendo todas as pontes e tirando partido da “bazuca” de Bruxelas.

Quando, a 5 de março do ano passado, o secretário de Estado para a Transição Digital apresentou o Plano de Ação para a Transição Digital e as 57 medidas dos três eixos – pessoas, empresas e AP - estávamos longe de prever a dimensão e o impacto que a pandemia teria um pouco por todo o lado. Hoje, quando entrámos na terceira vaga, com níveis verdadeiramente recorde, André Azevedo não tem dúvidas: o processo de transição para o digital tem mesmo de acelerar.

Pessoas e organizações foram confrontadas com uma profunda alteração de paradigma na comunicação e interação, seja por via do teletrabalho, do tele-ensino ou da socialização pelos meios eletrónicos, numa verdadeira alteração de mentalidades que, assegura, veio para ficar. “Queimámos muitas etapas” e “a importância e prioridade do digital deixou de ser questionável. Haverá alguns ajustamentos do ponto de vista de comportamento social, mas o que foram os ganhos e a incorporação da eficiência, por via da utilização de forma mais intensiva das tecnologias e do digital, veio para ficar”, assegura o governante, que destaca ainda as melhorias de eficiência nas organizações, assim como os ganhos ambientais, de ordenamento, mobilidade, qualidade de vida e *worklife balance*.

O governante está convicto de que a pandemia veio “validar tudo aquilo que eram as premissas e os pressupostos” do plano que definiu com a sua equipa para a transição digital do nosso país. Um plano concebido num tempo recorde, nos primeiros 100 dias de governação (entrou em funções em outubro de 2019) e que aproveitou devidamente todas as iniciativas que já es-

tavam no terreno.

“Foi interessante perceber como é que os princípios orientadores do que era uma agenda digital nacional foram ou não validados por aquilo que era uma situação de *stress* para o país em termos sociais e económicos. E, de facto, houve uma aceleração e uma validação do plano. Confirmou-se que o que foi definido fazia todo o sentido”, explica o secretário de Estado.

Uma das estruturas essenciais para permitir a concretização das metas definidas é a Estrutura de Missão Portugal Digital, também ela criada em tempo recorde, com a missão de acompanhar as medidas de execução do programa e de apoio à coordenação das políticas públicas em matéria de transformação digital da sociedade e da economia.

#### TRANSPARÊNCIA E ENVOLVIMENTO TOTAL

Em preparação está também a plataforma que irá apoiar este trabalho, permitindo a monitorização de todas as ações do plano, assim como a prestação de contas públicas, o escrutínio do que está feito, o ponto de situação, os indicadores-chave de desempenho e as metas e cronogramas. Estas foram, aliás, metas deixadas claras pelo secretário de Estado desde a primeira hora: “Tudo tem de ser escrutinável, auditável e estar disponível numa lógica *open data*, para que setores público e privado possam olhar para isto e perceber o que andamos a fazer com o dinheiro de todos”.

Mas André Azevedo quer ir ainda mais longe: desenvolver um projeto de um CRM centralizado para a área da economia para ajudar na gestão das várias *leads* e processos, numa lógica de ter um *dashboard* de acompanhamento que dê transparência e garanta um melhor envolvimento entre os vários atores. “Não queremos silos, mas uma abordagem partilhada tanto quanto possível”, salienta.

Nesse sentido, e quanto a projetos de capacitação, refere que está a avançar-se com a ideia de criar a Academia Portugal Digital, para permitir uma “abordagem holística e mais articulada e integrada” entre os diversos projetos em curso. Integrará “os diferentes percursos formativos que estão a ser negociados com

*Essencial para permitir a concretização das metas definidas é a Estrutura de Missão Portugal Digital, criada em tempo recorde*



Em preparação está a plataforma que permitirá a monitorização de todas as ações do Plano de Ação para a Transição Digital, porque, como sublinha André Azevedo, “tudo tem de ser escrutinável, auditável e estar disponível numa lógica de *open data*”

as várias entidades, como confederações, associações ou empresas de grande dimensão que nos desafiam a pensar em conjunto o que são processos formativos feitos à medida”.

Com a Agência Nacional para a Qualificação, a secretaria de Estado está também a trabalhar para definir um catálogo de ofertas formativas, de forma a garantir “que o que oferecemos está de facto em linha com o que é o *state of the art* do mercado”. Outras entidades públicas, como o IEF, têm ainda desenvolvido uma estreita colaboração e mostrado uma “enorme flexibilidade e vontade de se ajustar a novos formatos, fugindo ao que é o padrão de oferta *standard* disponível, e que permite acelerar as respostas de que precisamos”.

O secretário de Estado não tem dúvidas: “O desafio da transição digital é, em todas as medidas, termos a capacidade de fazer pontes”. E este processo tem sido, nas suas palavras, “muito interessante, rico e intenso”. Depois, quando os interlocutores perceberem que o objetivo é fazer e concretizar, “as barreiras quebram-se e cria-se um clima de confiança mútua”.

E exemplifica com o caso do Programa UPskill, que resultou de uma parceria com a APDC e as empresas associadas: foi possível ter “toda a gente à mesma mesa a pensar o que é que deveria ser uma oferta formativa de base profissional que garantisse as necessidades em termos de competências profissionais”.

O compromisso do governo com a transição digital e verde é bem visível pelo investimento que foi canalizado para a mudança. Se Bruxelas definiu como meta para cada Estado-membro aplicar pelo menos 20% das verbas do Fundo de Recuperação e Resiliência europeu para a transição digital, Portugal foi bastante mais longe na ambição. O Plano de Recuperação e Resiliência nacional (PRR) tem, por opção política, canalizado para esta área 31% do valor total que chegará ao nosso país. Ou seja, qualquer coisa como 4,35 mil milhões de euros.

Deste valor total, 2,65 mil milhões serão investidos em projetos específicos na área da transição digital, como o projeto da escola digital, as empresas 4.0 e uma AP mais digital. Os dois restantes eixos, da resiliência e da transição climática, também eles “*powered by* transição digital” terão mais 1,7 mil milhões de euros.

Como explica André Azevedo, a sua equipa está atualmente a desenhar cada uma das fichas de projeto que compõe o pacote de medidas e iniciativas que vão materializar estes investimentos. Trata-se de “um processo dinâmico e evolutivo e de interação com a Comissão Europeia, que tem de estar convicta de que os projetos se vão materializar em verdadeiras refor-

mas e que vão ter impacto efetivo na mudança do paradigma, para uma lógica mais digital”. Tal implica uma visão diferente da tradicional no acesso aos fundos: desde o início que o governo terá de se comprometer com um conjunto de resultados, com KPI’s específicos. O financiamento virá ou não em função da capacidade que

o país tenha de materializar esses objetivos.

#### NÃO DEIXAR NINGUÉM PARA TRÁS

Há já várias iniciativas em marcha no âmbito das medidas preconizadas pelo Plano de Ação para a Transição Digital. Uma delas tem a ver com o desígnio nacional de “não deixar ninguém para trás” e com a capacitação das pessoas ao longo do seu ciclo de vida. Ponto de partida para pensar na necessidade de um novo paradigma de escola e de ensino, do reforço das competências da população ativa, alinhada com as necessidades do mercado e com as novas formas de trabalho, e na inclusão digital. É que num contexto em que não é possível a interação física, é preciso evitar o risco de uma maior vulnerabilidade social e económica das faixas da população mais débeis.

Concretizar esta visão foi a aposta feita ao longo do ano passado pela equipa liderada por André Azevedo. Assim, avançaram com a escola digital nas suas múltiplas vertentes: equipamentos, conectividade, formação, capacitação, utilização de ferramentas digitais de colaboração e comunicação à distância, manuais escolares desmaterializados e vários outros conteúdos escolares. Trata-se de uma “nova abordagem ao ensino”, algo que já estava anunciado há muito tempo, mas que ainda não tinha avançado e que agora faz cada vez mais sentido.

No que respeita à capacitação das pessoas, o plano também está em marcha. Depois da parceria com a APDC, no Programa UPskill, que visa qualificar 3.000 pessoas em TIC em três anos, a meta foi estender este

*Serão investidos 2,65 mil milhões de euros em projetos na área da transição digital*

trabalho a outras entidades do setor privado e envolver também mais universidades. No fundo, pretende-se “criar uma abordagem integrada e uma resposta que envolva as empresas na identificação dos conteúdos formativos de que precisam, para depois laborar e se incorporar mais tecnologia nos seus modelos de negócio”.

Foi ainda “interessante envolver as instituições de ensino superior, que também responderam afirmativamente e perceberam que esta era uma excelente oportunidade para repensarem o seu modelo de negócio, trazendo novos públicos e uma população ativa para ganhar novas competências, desenhadas em conjunto com as empresas”, adianta André Azevedo.

Já no que respeita ao plano de inclusão digital, onde a meta é dar competências digitais a cerca de um milhão de portugueses, a expectativa é lançar formalmente a iniciativa no início deste ano. As candidaturas já estão formalizadas para as várias regiões e programas operacionais.

Também no eixo das empresas se avançou em várias iniciativas. Já foi definido um primeiro enquadramento, através de uma resolução do Conselho de Ministros, para a criação das Zonas Livres Tecnológicas e está a ser ultimado o diploma quadro que será transversal a todos os setores.

Segundo o secretário de Estado para a Transição Digital, este será um projeto “inovador em termos internacionais. Seremos o primeiro país a ter uma *framework* comum que, independentemente do setor ou indústria, tem a possibilidade de criar um regime regulatório simplificado que garante um envolvimento muito mais construtivo e proativo dos reguladores no apoio às atividades de teste, experimentação e prototipagem”. O forte envolvimento dos privados, destinatários desta iniciativa, é uma aposta central.

Outra iniciativa em marcha, que é também uma meta europeia, são os *digital innovation hubs: clusters* especializados por indústria que garantam a aproximação entre empresas e academia. Nesse sentido, a equipa de André Azevedo reuniu-se com *colabs*, centros de interface tecnológicos e laboratórios de experimentação e desafiou o ecossistema a pensar e a reorganizar-se para atuar em conjunto em cada setor.

“Não temos interesse em ter projetos concorrentes nacionais por setor. Ou atuamos em conjunto, ou seremos sempre irrelevantes no mercado global único”, explica o governante, adiantando que o que espera da *call*, lançada em dezembro, é exatamente ter “projetos vencedores, que sejam verdadeiramente representativos do setor e que respondam a um novo nível de maturidade do ponto de vista de colaboração e de foco empresarial”.

Um programa que veio comprovar que no digital não há assimetrias regionais foi o do +CO<sub>2</sub>SO Digital, cuja meta é utilizar o digital como instrumento de coesão territorial e de valorização do interior. O primeiro pacote de incentivos, no valor de 480 milhões de euros, foi esgotado num curto espaço de tempo, com projetos de empreendedorismo e de criação de postos de trabalho vindos de zonas menos densamente povoadas e desenvolvidas.

“Não existem zonas do litoral que têm acesso a melhores condições e zonas do interior condenadas a serem uma segunda linha. Temos a oportunidade de oferecer até condições de vida e de remuneração muito melhores no interior do país. Se for balanceado o nível remuneratório e as oportunidades profissionais, vamos necessariamente ter um país muito mais homogéneo e equilibrado”, assegura André Azevedo.

O governante destaca ainda os passos que estão a ser dados na digitalização da AP. Alargar a oferta de serviços públicos digitais foi uma inevitabilidade acelerada pela pandemia, e continua a trabalhar-se no sentido de aumentar o leque e melhorar a experiência de utilização de alguns serviços. Tendo sempre em conta o *feedback* das empresas e cidadãos.

Outra aposta é tornar os *sites* bilingues, numa primeira fase em inglês, o que é considerado um passo essencial pelos potenciais investidores que querem vir para Portugal. A definição da estratégia *cloud* para a AP também já avançou, por ser um indutor de eficiência no aparelho do Estado, assim como uma iniciativa de simplificação da contratação de serviços de tecnologia e de sistemas de informação e comunicação. “Acreditamos que, sem essa agilização, alguns dos projetos vão demorar mais tempo do que na realidade temos para sermos consequentes com esta agenda digital ambiciosa”, diz o secretário de Estado.\*

*O programa +CO<sub>2</sub>SO Digital tem por meta utilizar o digital como instrumento de coesão territorial*

# Iniciativas prioritárias **ONDE ESTAMOS E PARA ONDE VAMOS**

## PLANO DE AÇÃO PARA A TRANSIÇÃO DIGITAL



### Pilar 1

#### CAPACITAÇÃO E INCLUSÃO DIGITAL DAS PESSOAS

Educação digital

Requalificação  
e formação profissional

Inclusão e literacia digital



### Pilar 2

#### TRANSFORMAÇÃO DIGITAL DO TECIDO EMPRESARIAL

Empreendedorismo  
e atração de investimento

Tecido empresarial  
com foco nas PME

Transferência de  
conhecimento científico e  
tecnológico para a economia



### Pilar 3

#### DIGITALIZAÇÃO DO ESTADO

Serviços Públicos digitais

Administração central  
ágil e aberta

Administração regional  
e local conectada e aberta

## Pilar 1

### PESSOAS

#### Escola Digital

O PROGRAMA ESCOLA DIGITAL pretende dotar os alunos, professores e escolas de equipamentos, conectividade, conteúdos pedagógicos, plataformas colaborativas e recursos que permitam tirar o maior proveito das ferramentas digitais para o ensino e dotar as gerações futuras das competências necessárias para a cidadania digital e para os empregos do futuro.



O Ministério da Educação dará ainda início a um conjunto de diferentes iniciativas-chave, com o objetivo de construir as várias vertentes deste programa de forma sólida, incluindo: diagnóstico do nível de competência dos professores que permita direcionar o programa para a sua formação e capacitação; formação de formadores necessários para a capacitação dos professores; criação de planos de transição digital para cada agrupamento de escolas; criação da figura do “Embaxador Digital” nos Centros de Formação (CFAE), com o objetivo de dinamizar a implementação dos planos de transição digital locais; programa-piloto de desmaterialização de manuais escolares.

O projeto está na reta final da 1ª fase de entrega de 100 mil computadores com conectividade, distribuídos em escolas de todo o país para alunos pertencentes ao primeiro escalão de ação social escolar.

### UpSkill

Com a ambição de requalificar 3.000 profissionais para a área digital em três anos, a primeira fase do programa arrancou no último trimestre de 2020, com 25 turmas e 430 formandos, espalhados pelo país. O programa é coordenado pela APDC, numa parceria com o IIEFP e o CCISP. As empresas identificam as tecnologias em que têm necessidade de recrutar quadros, a APDC garante a comunicação, seleção e acompanhamento das pessoas, as instituições de Ensino Superior desenvolvem a formação, cabendo ao IIEFP o apoio financeiro e o encaminhamento de quem se encontra em situação de desemprego.

A formação tem uma duração de seis meses, na qual os formandos recebem uma bolsa equivalente ao salário mínimo, garantida pelo IIEFP, seguida de três meses de estágio, em que essa bolsa é assegurada pelas empresas. No final, as empresas aderentes comprometem-se a contratar pelo menos 80% dos formandos, mediante um salário bruto de pelo menos 1.200 euros. Neste momento, as áreas formativas identificadas são Python, Java, .Net, Cobol, Appian, Outsystems, ERP, Redes e cibersegurança, Cloud, CRM. Mais informações sobre o programa podem ser encontradas <https://upskill.pt/>.

### EU SOU DIGITAL

O programa de capacitação de 1 milhão de adultos será lançado no início de 2021 e pretende mobilizar 30 mil voluntários e 1.500 centros espalhados por todo o país. Com o objetivo de combater a infoexclusão e promover a literacia digital da população, o EU SOU DIGITAL será desenvolvido com sessões individuais de capacitação, disponibilizará recursos de acesso gratuito para apoiar os cidadãos no acesso aos serviços digitais e ao reforço das suas competências digitais básicas. A implementação será feita em parceria com as autarquias e as organizações locais e beneficiará de uma plataforma digital, uma linha de apoio, ferramentas para voluntários e manuais digitais, entre outros recursos gratuitos criados no âmbito do programa.

### Tarifa social de acesso a serviços de *internet*

Esta medida prevê a criação de uma tarifa social de acesso a serviços de *internet* que permita a utilização mais generalizada deste recurso, de forma a promover a inclusão e literacia digital nas camadas mais desfavorecidas da população. Incluída no Programa do XXII Governo Constitucional, promove a literacia digital e a utilização de serviços básicos digitais que necessitam de garantia de conectividade. Esta medida vai contribuir ativamente para reduzir a percentagem de cidadãos que não utilizam *internet*.

### Emprego mais Digital

Foi lançado em dezembro o Programa Emprego mais Digital, dirigido à capacitação digital das empresas, através da promoção da formação profissional dos seus trabalhadores. As confederações patronais cabe fazer a ligação às empresas, mobilizando as suas associadas, identificando as áreas formativas digitais (alinhando com o Quadro Nacional de Referência de Competências Digitais) que melhor respondem às necessidades das empresas e disponibilizar formação profissional certificada. O IIEFP aprova os planos de formação e garante o respetivo financiamento. A Portugal Digital procura facilitar o processo de identificação das áreas formativas digitais, facilitar a ponte entre todos os atores e garantir o alinhamento com as diferentes medidas do Plano de Ação para a Transição Digital. A 18 de dezembro, foram assinados contratos com 22 associadas da CIP, tendo em vista a formação profissional de 23.484 ativos, num investimento financeiro global de 6,3 milhões de euros, até final de 2021. Estão a desenvolver-se vários outros protocolos, nomeadamente com CCP, CTP e CAP.

### Academia Portugal Digital

Com a Academia Portugal Digital pretende-se desenvolver uma plataforma que permita capacitar o cidadão nos vários estágios da sua vida, dotando-o de competências que promovam a inclusão digital e que o acompanhem na sua jornada digital, através de sugestões de formações e certificações associadas às diferentes saídas profissionais da área digital. Esta plataforma deverá contar com uma ferramenta de diagnóstico de competências digitais, que permita a cada cidadão conhecer as propostas de formação mais adaptadas ao seu nível, numa linguagem simples e clara para todos os utilizadores. Pretende-se também apresentar infor-

mação sobre as competências digitais que o mercado de trabalho requer para as diferentes saídas profissionais, propondo percursos formativos construídos a partir do nível de competências digitais em que a pessoa se encontra e que apontem para a saída profissional que esta ambiciona alcançar. A Portugal Digital já deu início ao processo de desenho da plataforma, estando a trabalhar com diversos parceiros, públicos e privados, para garantir que o resultado final responde às necessidades dos diferentes públicos-alvo, assegurando a mobilização de toda a população para a melhoria das competências digitais em Portugal.

## Pilar 2

### EMPRESAS



#### Programa E-residency

Contemplada no Programa Simplex 2020 (Identidade Digital), esta medida conduzida pela AMA, pretende criar um conceito de identidade digital com recurso à Chave Móvel Digital (CMD), permitindo que cidadãos, nacionais ou estrangeiros não residentes no país, recorram a serviços públicos portugueses na sua versão *online*. A sua implementação visa atrair os chamados nómadas digitais, novos negócios e empresas, a partir de qualquer lugar do mundo, minimizando custos e ineficiências administrativas e reforçando o reconhecimento internacional de Portugal. Após consolidação do seu conceito, esta medida está na fase de estruturação dos requisitos funcionais e tecnológicos envolvendo várias entidades, entre as quais a AT, IRN, IGFEJ, SEF e o BdP.

#### Zonas Livres Tecnológicas (ZLT)

Esta medida tem como objetivo a criação de regimes regulatórios específicos, sob a forma de sandboxes regulatórias, para a promoção e desenvolvimento de espaços físicos/locais, designados por ZLT (Zonas Livres Tecnológicas), facilitadoras da demonstração e teste de novas tecnologias, tais como a inteligência artificial, *blockchain*, bio e nanotecnologia, 5G, veículos autónomos, entre outros. Pretende-se contribuir para a redução do tempo de ciclo da inovação, aumentando a competitividade das empresas nacionais. Com a recente elaboração do diploma que constitui o quadro legal de base e a sua respetiva auscultação junto dos agentes relevantes, realizada nos dias 13 e 14 de janeiro de 2021, o documento encontra-se em fase de con-

clusão. Permitindo evoluir para a sua publicação e para a elaboração dos diplomas de enquadramento setorial.

#### Programa de Capacitação Digital das PMEs no Interior +CO3SO Digital

Este programa tem como propósito a reconversão e fixação de trabalhadores no interior do país em profissões da área de TICE (Tecnologias de Informação, Comunicação e Eletrónica). Contempla a formação intensiva (de três a seis meses) de quadros, subsidiados pelo IIEFP e Programa Operacional Competitividade e Internacionalização (Programa COMPETE), envolvendo institutos politécnicos localizados em regiões do interior. Estes trabalhadores são posteriormente integrados numa PME qualificada, com uma participação suportada pelo Programa +CO3SO Emprego. A medida encerrou a primeira fase de candidaturas, tendo superado largamente as expectativas, encontrando-se as candidaturas em fase de análise.

#### Digital Innovation Hubs para o empreendedorismo

Os Digital Innovation Hubs (DIH) são redes colaborativas que incluem centros de competências digitais específicas, com o objetivo de disseminação e adoção de tecnologias digitais avançadas por parte das empresas, em especial, PME. Esta medida visa a criação de uma rede nacional de DIH com cobertura nacional, setorial e tecnológica. É ambição que alguns destes DIH façam parte da rede europeia, por via da sua especialização em pelo menos uma das tecnologias consideradas prioritárias: inteligência artificial, cibersegurança e computação de elevado desempenho. Foram apresentadas no passado dia 22 de janeiro, 31 candidaturas, que poderão ser revistas até dia 5 de fevereiro, permitindo aos promotores, caso sejam selecionados como DIH nacionais, candidatarem-se ao concurso europeu, cuja abertura se estima em fevereiro de 2021. Mais informações sobre os Digital Innovation Hubs neste link: <https://bit.ly/39wVQKX>

## Pilar 3

### ESTADO



#### Digitalização dos 25 serviços públicos mais relevantes para cidadãos e empresas

Em estreita colaboração com o Ministério da Moder-

nização do Estado e Administração Pública, a plena digitalização dos 25 serviços públicos mais utilizados por cidadãos e empresas encontra-se em processo de circunscrição dos serviços públicos em questão, bem como do seu estado de desmaterialização. A plena digitalização dos 25 serviços públicos mais utilizados por cidadãos e empresas encontra-se no processo de circunscrição dos serviços públicos em questão, bem como do seu estado de desmaterialização.

### **Estratégia Cloud para a Administração Pública**

A Estratégia Cloud para a AP já foi publicada pelo Conselho para as Tecnologias de Informação e Comunicação na Administração Pública (CTIC) e visa tornar-se um instrumento estratégico e de apoio à adoção de *cloud* no seio da AP. De acordo com a aprovação em Conselho de Ministros encontram-se em desenvolvimento os vários instrumentos com impacto na adoção destes serviços pela AP, que incluem, entre outros, uma ferramenta metodológica de apoio à decisão, que permita a avaliação de opções de serviços *cloud* (*framework* de adoção) e um modelo de gestão dos respetivos contratos. Incluirá igualmente modelos de peças de procedimentos concursais e cláusulas técnicas que sirvam de referência para as entidades públicas contratarem serviços *cloud*, bem como um plano de qualificação de recursos humanos da AP que garanta a capacidade para fazer face aos novos desafios de contratação, operação e avaliação destes serviços.

Mais informações: <https://bit.ly/3ov3jOV>

### **Simplificação da contratação de serviços TIC pela AP**

Esta medida visa assegurar procedimentos de contratação mais ajustados à natureza dos bens e serviços a adquirir, para garantir a celeridade e continuidade exigidas por estes. Por outro lado pretende garantir o cumprimento atempado dos objetivos nacionais em matéria de transição digital, no setor público, mas também estimular o mercado das PME e *startups* do tecido económico digital. Tudo sem prejuízo dos limiares previstos no artigo 4.º da Diretiva 2014/24/UE, do Parlamento Europeu e do Conselho, de 26 de fevereiro de 2014, no seu valor atual. Uma das etapas fundamentais desta medida é a alteração da legislação de contratação pública, cujo processo foi já iniciado, estando o diploma – que contém medidas especiais de contratação pública em projetos de TIC associados a processos de transformação digital - em reapreciação

parlamentar. “Além desta análise e trabalho de preparação legislativa para criar um ambiente favorável à Transição Digital do Estado, estamos a trabalhar, juntamente com a Entidade de Serviços Partilhados da Administração Pública, na preparação e disponibilização de Acordos Quadro de consultoria tecnológica para todas as entidades públicas. A natureza desses bens e serviços requer processos mais ágeis que, além de garantir a celeridade e continuidade exigidas por estes, garanta o cumprimento atempado dos objetivos nacionais em matéria de transição digital, sem prejuízo dos limiares comunitários. Esta medida vai contribuir ativamente para a aceleração da adoção de projetos de transição digital no setor público, bem como para o estímulo do mercado das PME e startups do tecido económico.” digital.

### **Aumento da oferta e tradução de serviços públicos digitais**

Já foi identificado um conjunto de serviços públicos relevantes, cuja disponibilização num segundo idioma (por defeito, inglês) terá um impacto muito relevante na internacionalização do país. Está em curso o envolvimento dos organismos e áreas governativas relevantes e a definição conjunta da abordagem, seja no portal de serviços nacionais, ePortugal, seja nos respetivos portais. Por parte da CE foi lançado a 12 de dezembro o “Portal Digital Único” (Single Digital Gateway). Integra o renovado portal “Your Europe”, que promove o acesso *online* a toda a informação sobre os serviços disponíveis nos *sites* nacionais de cada país. A CE e os Estados-membros querem assegurar que todos os conteúdos e serviços essenciais estão disponíveis *online* para os cidadãos transfronteiriços até 2023, facilitando ainda a partilha direta de documentos entre as autoridades de cada país, para evitar a apresentação de documentos repetidamente.✳

\*Ponto de situação fornecido pela Missão Portugal Digital, liderada por Vanda de Jesus





# A ESPINHA DORSAL DO DIGITAL

Sem redes de comunicações não é possível construir uma economia cada vez mais digital. A pandemia comprovou a qualidade das infraestruturas nacionais. Mas é preciso continuar a garantir condições para o setor investir e inovar. Sob pena de hipotecar o futuro.

TEXTO DE ISABEL TRAVESSA FOTOS DE ISTOCK E CEDIDAS

**N**unca como hoje a importância estratégica das redes de comunicações ficou tão clara. Comprovada a sua resiliência, capacidade e papel crítico, nestes tempos conturbados de pandemia, elas são absolutamente essenciais para a construção de um futuro digital, assegurando o sucesso das ambiciosas metas da transição digital definidas para o nosso país. A incógnita centra-se no 5G, considerado fundamental para a competitividade e a recuperação económica. Os operadores temem as ameaças ao investimento e à inovação, que poderão hipotecar uma década de desenvolvimento.

Os números do mais recente relatório do European 5G Observatory são claros: no final do ano passado, já tinham sido lançados serviços comerciais 5G em 24 países europeus (UE27 e Reino Unido). Portugal é dos poucos mercados, a par do Chipre, Lituânia e Malta, que ainda não arrancou. Uma realidade que, na opinião dos três grandes operadores nacionais, afeta a imagem do nosso país lá fora, uma vez que sempre tem liderado na introdução das várias gerações móveis.

Ainda assim, e com o processo do leilão do espetro de 5G em curso no final de janeiro, todos mantêm a opinião de que o processo deveria ser suspenso e revisto, sob pena de comprometer o futuro do país,

ao ameaçar os investimentos dos *players* do mercado, não só nas redes como na inovação em produtos e serviços essenciais para a retoma sustentada da economia.

“Acreditamos que temos razão relativamente às nossas queixas sobre o regulamento do leilão, que é ilegal e inconstitucional. Portanto, procuraremos levar a nossa razão até ao fim. Não se pode hipotecar uma década de potencial crescimento, desenvolvimento económico e progresso social, por termos condições de operação em 5G que estão desenhadas para que seja um fracasso. Será preferível suspender por uns meses o processo do que avançar nestes moldes e desperdiçar uma década”, afirma Manuel Ramalho Eanes, administrador executivo da NOS.

“Ainda há esperança que algumas das ações que

nós, operadores, colocámos, possam ocorrer em tempo útil, para que se garanta que o 5G passe a ser um fator de competitividade e progresso do país. Já que, ao contrário do que aconteceu no 3G e 4G, Portugal se atrasou no 5G, é preferível atrasarmo-nos mais e termos boas decisões e boa regulação do que fazermos tudo a correr, de uma forma que não é a melhor para o país”, acrescenta Henrique Fonseca, *executive board member* da Vodafone Portugal.

“O leilão do 5G está eivado de tantas ilegalidades... Enquanto operadores, temos uma dificuldade prática de explicar que algo que é danoso para o país de facto o é, porque são efeitos que só se vão fazer sentir a médio e longo prazo. Apesar de termos feito todos os alertas e de termos comunicado de forma até mais aguerrida as nossas posições e perplexidades, não o conseguimos. Temos muito receio, dado o *track record* deste regulador em particular, do que aí vem. Haverá um decréscimo de investimento em inovação e renovação de redes. So-

mos todos empresas privadas, que fazem investimentos racionais”, alerta, por sua vez, João Zúquete da Silva, *chief corporate officer* (CCO) da Altice Portugal.

O gestor destaca que o regulamento exige dos operadores instalados “obrigações de investimento sem paralelo em qualquer leilão de 5G na

Europa. São tão pesadas que tenho receio que a nossa capacidade de investimento no móvel se circunscreva a isto nos próximos cinco anos. Então e o investimento que tenho de fazer em inovação, capacitação de redes e todos os desafios que o próprio 5G coloca em termos de densificação?”

#### INSTABILIDADE E IMPREVISIBILIDADE

Manuel Ramalho Eanes salienta a importância de, urgentemente, se “criar um ecossistema nacional ligado ao 5G que seja efetivamente pujante”. Só assim se garantirá que a próxima década seja efetivamente de crescimento económico, com o país a ganhar capacidade de usar o 5G para modernizar a indústria, trazendo-lhe eficiência e competitividade, e dar qualidade de vida às pessoas, promovendo-se a coesão territorial e o

*Crítica: o regulamento do leilão 5G exige dos operadores instalados “obrigações de investimento sem paralelo”*



**“Temos muito receio, dado o *track record* deste regulador em particular, do que aí vem. Haverá um decréscimo de investimento em inovação e renovação de redes”, avisa João Zúquete da Silva**

aproveitamento dos recursos do país. “Se nos atrasarmos, estamos a atrasar a recuperação económica e o potencial de competitividade que poderemos capturar por implementar essas soluções”, garante.

Todos criticam a posição do governo no que se refere ao tema do 5G. O responsável da Altice diz mesmo que “há um clima de instabilidade e falta de previsibilidade para as empresas, sobretudo as que são de capital intensivo como as telcos, que não nos permite encarar o futuro com otimismo”. E não percebe como é que o ministério das Infraestruturas e da Habitação, “de uma forma inédita e bastante incompreensível, deu conforto ao regulador no tema do formato final do regulamento do leilão, apesar deste ser materialmente diferente da resolução do Conselho de Ministros”.

***Operadores queixam-se de clima de instabilidade e de falta de previsibilidade para as empresas, sobretudo as telcos***

Manuel Ramalho Eanes reforça essa ideia: “Não consigo entender que não estejamos atentos e preocupados, enquanto país, sociedade civil e entidades relevantes para os processos de decisão, com o que vão ser as infraestruturas do futuro. Estamos preocupados com as infraestruturas do presente e do passado, mas não com as do futuro. E tenho ainda mais dificuldade em entender como é que, com pouco ou nenhum escrutínio, uma só entidade isolada comprometa esta década, sem que isso seja travado”.

“O executivo nunca demonstrou vontade política de atuar. O tema da economia preocupa-nos muito”, refere o administrador da Vodafone, citando um estudo da Roland Berger sobre o impacto do 5G na economia portuguesa, que estima uma capacidade de aumento de receita da ordem dos 5%, só na indústria.

Todos garantem que foi graças ao investimento realizado pelos três grandes operadores nas últimas duas décadas, e sobretudo nos anos mais recentes, em infraestruturas fixas e móveis, que as redes tiveram capacidade para suportar os aumentos exponenciais de tráfego que se registam desde março do ano passado, quando o país entrou, quase de um dia para outro, em confinamento.

“Tínhamos a rede bem infraestruturada e com capacidade para enfrentar com sucesso um embate, que foi brutal do ponto de vista tecnológico e de engenharia de telecomunicações. Enquanto setor, estamos todos de parabéns por termos tido a capacidade e a visão de capacitar o país com redes das quais nos devíamos todos orgulhar”, destaca João Zúquete da Silva.

“Houve uma explosão do tráfego de dados móveis e da *internet* fixa, com uma alteração dramática dos padrões de tráfego, porque as pessoas passaram a estar nas suas casas. Fomos capazes de aguentar o embate porque somos o setor que na Europa mais investe em percentagem de receitas. Estávamos preparados porque

sempre investimos muito. Tudo funcionou em Portugal, ao contrário de muitos países da Europa, onde as redes acabaram por colapsar ou ter falhas e problemas sérios”, acrescenta Manuel Ramalho Eanes.



“Não se pode hipotecar uma década de potencial crescimento por termos condições de operação em 5G que estão desenhadas para que seja um fracasso”, critica Manuel Ramalho Eanes

Acresce o apoio nas mais variadas áreas às famílias e às empresas, assim como à sociedade em geral por parte dos três atores do mercado, com soluções à medida para acelerar o processo de digitalização e reajustamento a uma nova realidade. “Dúvidas houvesse que o nosso setor é absolutamente fundamental para a vida das pessoas, das empresas e da comunidade, elas desapareceram. Isso ficou totalmente esclarecido”, ressalta o responsável da Vodafone.

#### RECUO ECONÓMICO PREOCUPA

Tema que preocupa todos os responsáveis dos operadores é o impacto brutal que a pandemia está a ter na economia, arrastando pessoas e empresas. Há clientes que deixaram de pagar as suas contas de comuni-

cações, sobretudo os pequenos negócios, negociando moratórias de pagamentos com os respetivos fornecedores do serviço, que apenas vão adiando e avolumando o problema.

“Dizer que estamos num setor protegido é timorato. O decréscimo do PIB terá reflexo também na nossa base de clientes. Todos andamos a falar em surdina de um elefante que ninguém quer pôr no meio da sala, que é a moratória dos créditos. Como é que vão as pessoas pagar os juros de uma só vez? Ainda não sabemos muito bem o impacto que o fim destas moratórias terá. É preciso estarmos todos muito atentos à evolução dos diferentes indicadores e encarar o futuro com alguma apreensão”, evidencia o CCO da Altice.

Também o gestor da Vodafone admite que “as moratórias adiam muita coisa. O malparado neste momento não é um problema, mas pode vir a ser. Por alguma razão, o governo adiou as moratórias para junho e, se não for suficiente, espero que volte a adiar. Quanto mais depressa tivermos as vacinas a fazer efeito e as pessoas a voltarem a consumir e a darem um balão de oxigénio às empresas, mais depressa o problema será minorado. Caso contrário, teremos um grande problema. Seria catastrófico para a nossa economia”.

“Estou muito preocupado com os impactos que toda esta situação pode ter no país. As moratórias empurraram para a frente um problema que não desaparece. Quando terminar este adiamento, se não houver muito cuidado em criar o adequado apoio às empresas, que lhes permita ter tempo para fazer a transição, poderão encerrar muitas. É uma situação que nos preocupa, pois em cada três empresas portuguesas, uma é nossa cliente”, acrescenta o responsável da NOS.

A partilha de infraestruturas é vista como o caminho mais eficiente para os investimentos no futuro, que garantam a aposta na inovação e na criação de valor. Pelo menos no

caso da Vodafone e da NOS, que depois de celebrarem um acordo de partilha de fibra fizeram em outubro do ano passado uma parceria para o móvel, que abrange todas as gerações, incluindo o 5G.

“A verdade é que o nível de utilização dos serviços não pára de aumentar e que o mercado é altamente dinâmico e competitivo. Temos de investir cada vez mais

*A partilha de  
infraestruturas é vista  
como o caminho  
mais eficiente para os  
investimentos no futuro*

#20YearsOfSharedProgress



20 ANOS  
DE PROGRESSO  
PARTILHADO  
HUAWEI NA EUROPA



e o retorno é cada vez menor. Uma das formas de continuar a investir e a surpreender os clientes com mais serviços e inovação é através desta estratégia de coinvestimento e de partilha de ativos que temos seguido”, explica Henrique Fonseca.

Uma opinião que Manuel Ramalho Eanes reitera: “Claramente que a partilha de infraestruturas é um caminho que nos defende. Acreditamos que é a forma mais eficiente de fazer investimentos”. E cita o caso de Espanha, que anunciou um investimento de 4,2 mil milhões de euros no âmbito do seu plano de recuperação e resiliência para dotar de redes de alta velocidade fixas e móveis as regiões menos densas.

“Este tipo de investimentos é o que poderia fazer sentido para que a nossa inclusão e coesão territorial se realizasse corretamente e fosse eficiente. Aliás, entendendo que na forma como foi montado o leilão 5G se perdeu uma enorme oportunidade para estabelecer as condições para uma cobertura mais ampla do território, feita de forma mais eficiente e com o investimento de todas as partes”, acrescenta, deixando claro que as chamadas ‘zonas cinzentas’, com problemas de cobertura “vão continuar assim porque não é sustentável financeiramente”.



“Temos de investir cada vez mais e o retorno é cada vez menor. Uma das formas de continuar a surpreender com inovação é através do coinvestimento”, diz Henrique Fonseca

## Contributo do setor em período de pandemia

FONTE: ALTICE, NOS E VODAFONE



### Sistemas de saúde

**Reforço extraordinário das redes de telecomunicações** dos sistemas de saúde

Disponibilização de **comunicações gratuitas e ilimitadas** aos profissionais de saúde

**União com AHP para disponibilização de hotéis** para receber profissionais de saúde, sem ser cobrado



### Estado de emergência

Reforço da rede para **assegurar funções críticas** do Estado

**Diálogo próximo com governo**, no sentido de em tempo real manter e reforçar conectividade



### Empresas

Extremo **reforço de investimento de rede** para permitir acomodar crescimento de tráfego por remotização profissional

Garantia de **manutenção de serviço** mesmo para clientes que não efetuam pagamento

**Oferta de serviços e tráfego** para manter empresas conectadas – oferta de 10GB



### Famílias

Extremo **reforço de redes fixas e móveis** perante crescimentos disruptivos de tráfego

Garantia de **manutenção de serviço** mesmo para clientes que não efetuam pagamento  
**Suspensão das taxas** por atraso no pagamento e de reposição de serviço

**Oferta de serviços e tráfego** para manter famílias em contacto – oferta de 10 GB  
Oferta das mensalidades dos canais desportivos

**Promoção de soluções digitais**, como alternativa a ida aos estabelecimentos comerciais



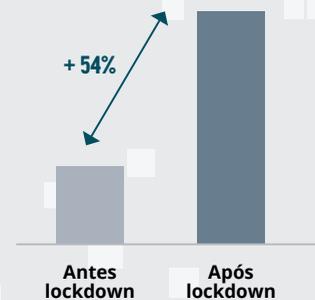
### Educação

Extremo **reforço de rede** perante os desafios do ensino remoto

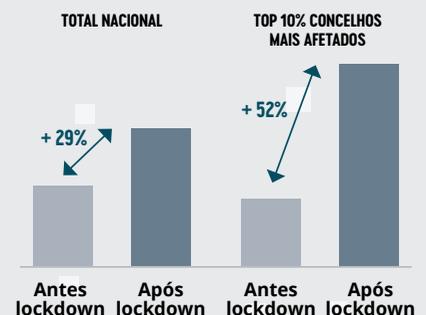
**Preparação para disponibilização de comunicações e equipamentos** que permitam o acesso digital à educação (E-escolas 2.0)

Construção de capacidade de **difusão massiva de ensino** com objetivo de inclusão

### Aumento de tráfego dados fixos



### Aumento de tráfego dados móveis





# DO GREAT THINGS.

— *From Home* —

**TRANSFORME ESTE MOMENTO  
PARA CONTINUAR A CRESCER E CRIAR  
VALOR PARA A SUA ORGANIZAÇÃO.**

Participe em eventos on-line exclusivos, conecte-se com especialistas, aceda a formação gratuita e acompanhe as últimas tendências em Analytics, Machine Learning e Data Science.

[sas.com/pt/do-great-things](https://sas.com/pt/do-great-things)

 @sas\_portugal

 company/sas

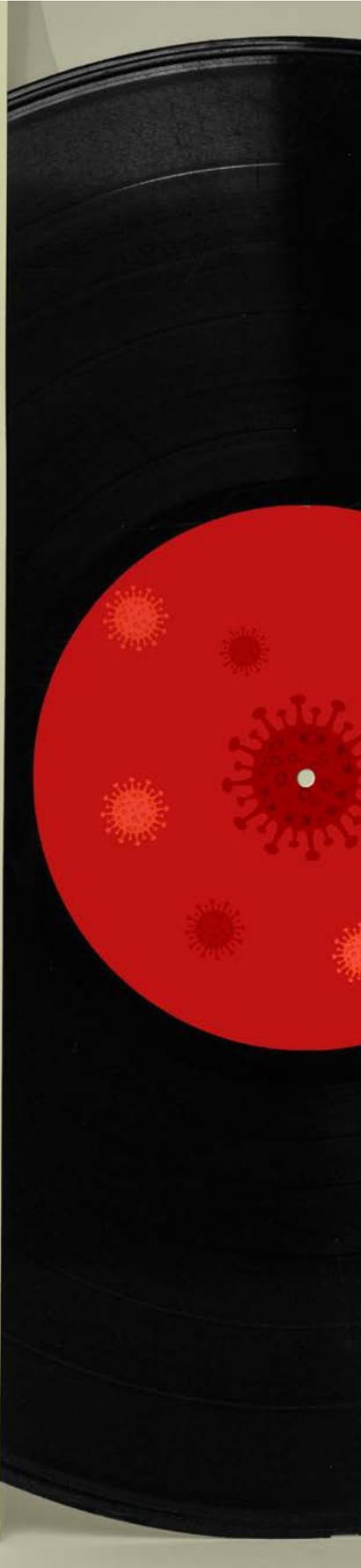
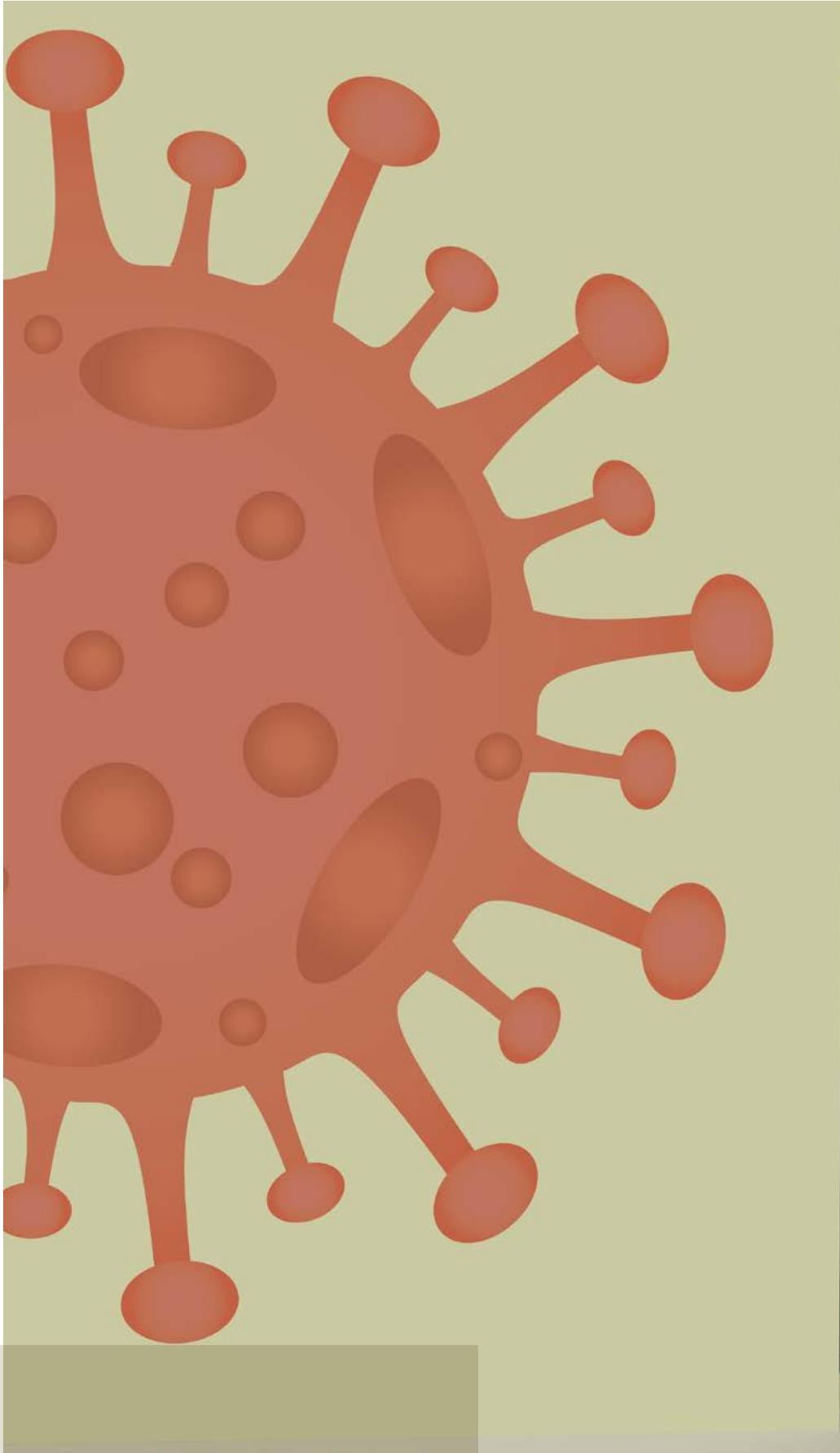
 SAS Portugal - Business Analytics

 sasportugal

  
**THE POWER TO KNOW®**

[www.sas.com/portugal](https://www.sas.com/portugal)

SAS and all other SAS Institute Inc. product or service names are registered trademarks or trademarks of SAS Institute Inc. in the USA and other countries. ® indicates USA registration. Other brand and product names are trademarks of their respective companies. © 2021 SAS Institute Inc. All rights reserved.





# O LADO B DA CRISE

Sem aviso, o vírus que se espalhou pelo mundo mudou de um dia para o outro as expectativas em muitas áreas de negócio. E se houve projetos que afundaram, outros ganharam uma dinâmica inesperada. Porque estavam no sítio certo ou porque souberam reinventar-se. Em Portugal não faltam exemplos.

TEXTO DE TERESA RIBEIRO  
ILUSTRAÇÕES FREEPIK | FOTOS CEDIDAS

**N**ão é coincidência o denominador comum destas histórias de sucesso ser a tecnologia digital. A corrida à comunicação à distância e a outras soluções para gestão empresarial baseadas em TI foi a chave que abriu as portas a empresas que em muitos casos davam os primeiros passos no mercado. A Visor.ai, a *software house* criada em 2016 por três jovens sub-30 – Gianluca Pereyra, Gonçalo Consiglieri e Bruno Matias – foi uma delas. Especializada na construção de soluções para a automatização de processos de comunicação corporativa (*bots*), a plataforma Visor.ai, integralmente concebida por Bruno Matias, engenheiro informático e CTO da empresa, começou a conquistar clientes *step by step*, com o apoio da incubadora Beta-i.

Depois de a COVID-19 ter entrado em cena em Portugal, a dinâmica mudou, como relata Gianluca Pereyra: “Não foi fácil conquistar os primeiros clientes, mas quando a pandemia chegou ao nosso país já estávamos a crescer bastante. O confinamento decretado em março provocou alguma estagnação, que durou até julho, depois retomámos o crescimento”. Uma curva que não tem parado de subir: “Janeiro”, partilha, “está a ser muito interessante”. Gianluca diz que o aumento de procura dos seus serviços explica-se “porque as empresas começaram a querer fazer mais coisas à distância, até por pressão dos seus próprios clientes, que hoje evitam contactos presenciais”. E a verdade é que, segunda afirma, “80% dos contactos entre clientes e empresas são geríveis com automatismos”. A comprová-lo, no seu *site* a Visor.ai garante que os *bots* que constrói “respondem de imediato à maioria das perguntas”.

O produto-estrela da empresa é a sua plataforma de construção de *chat bots*, mas também oferece solu-

ções para canais de email e de voz. Gianluca sente que “há muito mercado para crescer”, porque “o *chat* ainda hoje corresponde a uma pequena percentagem de todo o volume de contactos que se estabelecem entre clientes e empresas”, por isso está otimista quanto ao futuro. De uma equipa de quatro pessoas, composta pelos três sócios e um contratado, a Visor.ai passou para 22. Foi durante a pandemia, quando ninguém contratava, que fez o último reforço do seu *staff*, com cinco contratações. Clientes, são cerca de 20, entre grandes empresas, sobretudo na área da banca e seguros. Projetos a rolar são 50. Palavras para quê, se a Visor.ai tem estes números para mostrar?

#### UM BOOST CHAMADO COVID-19

Quando a UpHill nasceu, em 2016, foi com a intenção de prestar um serviço que os seus fundadores, na qualidade de médicos, sabiam que fazia falta: a triagem e prestação de informação científica credível e atua-

lizada à sua classe profissional. Num profissão em que o conhecimento está sempre em atualização contínua e cujo desempenho depende em larga medida dessa informação, a falta de um canal que a rastreasse e providenciasse despertou no espírito de Eduardo Freire Rodrigues, Duarte Sequeira e Luís Patrão, essa ideia de negócio. Como tantas que nascem pa-

ra preencher lacunas, a que esteve subjacente à criação da UpHill foi muito bem acolhida. Através do UpSIM, o *software* que a empresa desenvolveu para o efeito, a comunidade médica passou a ter acesso a informação clínica atualizada de forma mais rápida e sistemática.

Quando a COVID-19 chegou a Portugal, já a UpHill tinha na sua plataforma largas dezenas de milhar de inscritos, entre profissionais do setor público e privado, mas a pandemia fez o serviço disparar. Eduardo



***Gianluca Pereyra,  
Gonçalo Consiglieri e  
Bruno Matias, co-fun-  
dadores da Visor.ai,  
especializaram-se em  
soluções para a automatização de  
processos. Durante a pandemia a  
procura dos seus serviços disparou,  
sobretudo desde janeiro***

Freire Rodrigues diz que desde março do ano passado a Uphill selecionou e resumiu “mais de 300 artigos científicos”, criou “20 casos clínicos para simulação e uma dezena de algoritmos de atuação clínica, especificamente relacionados com a COVID-19”. Este ritmo, frisa, “refletiu a aceleração da investigação científica sem precedentes que se verificou” com a pandemia, “com a informação a ser atualizada permanentemente e, numa fase inicial, a fiabilidade dos vários artigos a ser muito díspar, representando um desafio acrescido no processo de atualização e formação dos profissionais de saúde no terreno”.

Ao longo de 2020 o número de utilizadores ativos da plataforma Uphill ultrapassou os 100 mil e para este ano as perspetivas de crescimento mantêm-se elevadas. Entre os seus clientes contam-se os hospitais CUF, Lusíadas, Luz Saúde e as farmacêuticas Novartis, NovoNordisk e Pfizer.

Fundada em 2013, para trazer para o mercado o primeiro fisioterapeuta digital, a portuguesa Sword Health não precisou da pandemia para atrair as atenções de Portugal e do mundo. Já captou milhões de dólares de investimento, nomeadamente por parte de capitais de risco norte-americanos. A sua solução, que alia inteligência artificial a equipas clínicas humanas no decurso de ensaios clínicos, já superou, segundo Virgílio Bento – líder e fundador – os resultados da fisioterapia convencional em 30%.

Apontada como o próximo unicórnio português, a Sword Health lidera o *ranking* das empresas portuguesas inovadoras que mais cresceram em 2020, segundo o Instituto Europeu de Inovação e Tecnologia (EIT Digital). Não precisou da COVID-19 para ascender ao estrelato,

mas a pandemia ajudou-a, certamente, a chegar mais depressa à passadeira vermelha.

#### ESTAR NO SÍTIO CERTO

A Ifthenpay foi das primeiras *fintechs* a aparecer em Portugal na área dos pagamentos digitais. Foi lançada em 2005, por Filipe Moura e Nuno Breda, inspirados

pela ideia de trazer as referências multibanco para as PME's e para a *internet*.

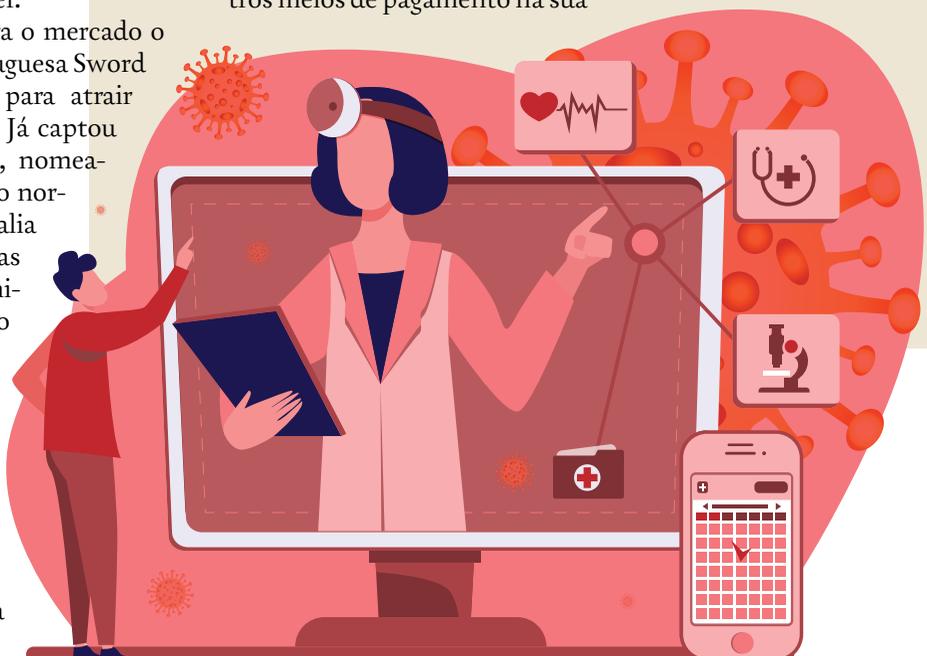
A penetração no mercado foi fácil, recorda Filipe Moura: “Os consumidores já conheciam as referências multibanco, por isso o nosso trabalho de persuasão só teve de ser feito junto dos comer-

ciantes, a quem explicámos as vantagens de incorporar este método de pagamento nas suas faturas”.

A história da Ifthenpay foi, pois, a de uma aventura tranquila, que a levou, com o tempo, a incorporar outros meios de pagamento na sua



***“Desde março, a Uphill (fornecedora de informação científica à classe médica) selecionou e resumiu mais de 300 artigos” sobre COVID 19***  
Eduardo Freire Rodrigues, CEO





FAZER DIFERENTE

A estes negócios que se estabeleceram num terreno fértil para expandir em tempos em que a comunicação à distância é a regra, juntaram-se outros que nasceram da necessidade de converter modelos tradicionais em soluções de futuro. Foi este o caso da Cyango, a *startup* que venceu o ano passado o Tourism Solutions Now!, com a conceção de um *software* para visitas virtuais. Esta inovação permite às unidades de alojamento e lazer criar visitas virtuais com *storytelling*, oferecendo a um

dos setores mais castigados com a crise pandémica a possibilidade de explorar este tipo de oferta.

Também a Bizay/360 Imprimir, que começou por explorar a indústria gráfica, quando se viu afetada pela pandemia, sofrendo quebras muito altas na faturação, decidiu fazer da crise uma oportunidade. Recentemente, anunciou a sua reconversão numa *one stop shop* de produtos de *marketing*, para responder às necessidades do mercado. Filipe Nery, o seu *Marketing head*, revelou no LinkedIn que o objetivo é “utilizar o *know-how* adquirido em *e-commerce* para criar um su-

permercado *online*, o 360hyper.pt”, visto que as famílias estão a comprar, cada vez mais e de forma consistente, bens alimentares *online*.

Imaginação e sentido de oportunidade são, comprovadamente, dos ativos mais importantes em tempos de crise.✦

oferta, como o MBWay e o Payshop.

Estava em velocidade de cruzeiro quando, em 2020, o *tsunami* COVID-19 a colocou no sítio certo: “Quando os *take away*, as farmácias, os restaurantes e até mercearias optaram, por necessidade, pelos pagamentos à distância, ficámos com perfis de clientes inesperados”, admite Filipe Moura. Em abril do ano passado, em pleno confinamento, a Ifthenpay obteve “quase o triplo dos pagamentos”, descreve. “Em novembro”, exemplifica, registou um aumento de pagamentos na ordem dos 78% face ao período homónimo do ano anterior.

Apesar de vivermos um período de exceção, Filipe Moura acredita convictamente que muitos dos seus clientes mais inusitados vieram para ficar, pois “as pessoas, entretanto, habituaram-se a pagar *online*”, o que quer dizer que nada ficará como antes.



**“Quando as farmácias, os restaurantes e até mercearias optaram pelos pagamentos à distância, ficámos com perfis de clientes inesperados”**

Filipe Moura, CEO da Ifthenpay



**O seu negócio  
a toda a velocidade**

### **A nossa rede fibra**

Com a nossa rede fixa, o seu negócio faz-se de garantias e certezas. A garantia que tem acesso à melhor velocidade e a qualidade comprovada da nossa rede 100% fibra. Mas também de compromisso e de confiança de última geração. Por isso, faça grandes ou pequenos negócios, faça com a Vodafone Business.

**Porque um negócio não se faz só de negócios.**

**Ready?**



**vodafone  
business**

VICENTE HUERTAS

# Um amor que não se acaba

Vicente Huertas é um apaixonado por tecnologia. E essa inclinação revela-se nos detalhes. Na forma como descreve tudo o que pode fazer com os *devices* que o acompanham sempre, ou na descontração com que assume a sua dependência deles. Para o CEO da Indra Minsait em Portugal, o mundo sem esta dimensão não seria a mesma coisa.

Texto de **Teresa Ribeiro** | Fotos cedidas

**COM UM SORRISO NA VOZ**, informa: “Tenho sempre um celular de última geração” e aponta para o seu Samsung Note 10, o objeto onde guarda parte importante da informação que regula a sua vida e de que nunca se separa. Já está atrasado, admite, “porque o Samsung Note 20 saiu há dois meses”. Ao desvendar-se, diverte-se. Sabe que esta espécie de ritual que o leva a substituir rapidamente o telemóvel pelo modelo mais recente pode ser tomada por capricho, mas ele explica que o que lhe está subjacente é algo muito racional e pragmático: “Para mim o celular é uma ferramenta muito importante, por isso justifica-se querer ter o melhor”.

Fidelizou-se aos Note há muito tempo: “Desde que apareceram sob a forma de celulares, nunca mais quis outra coisa. Tive o 2, o 4, só não comprei aquele em que a bateria dava problemas e acabava por explodir (risos)”. Aprecia nesta série as grandes dimensões do ecrã, que quase o equivalem a um *laptop* e a caneta, um acessório que usa muito.

Pega-lhe com delicadeza, revelando neste simples gesto o enorme valor que lhe atribui: “Tenho aqui

dentro 18 contas, de diferente tipo: de *emails*, bancos, vários serviços. E instalados vários certificados digitais para assinatura eletrónica, de diferentes países. Faço tudo por telemóvel. Posso estar na praia e a tratar de tudo, até porque este Note, por acaso, também é à prova de água” (risos).

O tema, por lhe ser tão agradável, deixa-o visivelmente bem-disposto. Admite ser um *freakie*, quando revela que tem várias cópias de segurança dos conteúdos do seu Samsung, guardadas em locais diferentes. Apesar da intimidade que estabeleceu com a tecnologia, há limites de confiança que não ultrapassa. Não gosta, por exemplo, de ter *backups* na *cloud*: “Todas as contas têm agora uma oferta dessas e é fácil, muito simples, muito cómodo ter *backups* na *cloud*, só que há aplicações que se usam neste tipo de ferramentas que muitas vezes libertam mensagens em que pedem autorização para aceder a diversas coisas. E o que acontece é que basta uma distração, darmos um *ok* irrefletido e os nossos dados passam a ficar expostos”, explica. Não são porém, estas linhas vermelhas que o fazem gostar menos de

tecnologia. Prova disso é que a tem incorporada em quase todos os recantos da sua casa. De tal forma que habitá-la também é, em boa parte, um exercício lúdico.

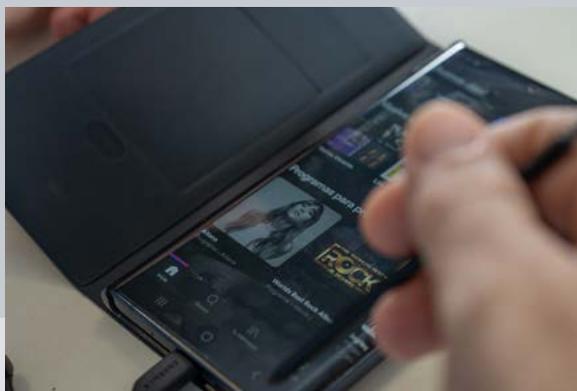
Entre outras coisas, pode ligar e desligar eletrodomésticos, correr as persianas e regular as luzes a partir do telemóvel. Usar estas funcionalidades diverte-o: “Admito que o efeito prático de fazer todas estas coisas a partir do telemóvel não é, a maior parte das vezes, relevante. Mas eu gosto. Para mim, é como estar a divertir-me com um brinquedo”. Fascina-o a conectividade que a tecnologia digital permite, mas reconhece que é algo que as pessoas precisam de aprender a controlar, sob pena de acabarem escravizadas: “A conectividade possibilita melhorar a produtividade, resolver muitas coisas em paralelo, mas precisa de normas. Temos de aprender a geri-la, respeitar códigos de conexão. Hoje, porque a tecnologia assim o permite, as pessoas têm sempre a expectativa de receber respostas imediatas, mas isso gera, por vezes, grandes pressões como quando recebemos por diferentes canais solicitações de urgência no trabalho, em simultâneo”, desabafa.

Não se pense, porém, que o CEO da Indra Minsait em Portugal não gosta de estar sempre ligado. Gosta. E está. Mas diz que pertence a uma geração onde as pessoas ainda conseguem estar sem olhar para o telemóvel durante um jantar de amigos. Por isso, quando quer e sabe que pode adiar o que não é inadiável, fica em *off*. Quando for possível também voltará aos estádios de futebol com o telemóvel no bolso, mas em silêncio. •



**Samsung Note 10 – o objeto onde guarda toda a informação relevante e de que nunca se separa**

**O Elitebook HP, sempre conectado com o telemóvel, é onde prefere trabalhar quando está no escritório ou em ambiente similar. Em média, Vicente Huertas está mais de 12 horas por dia em frente a este ecrã**







# O FUTURO DO TRABALHO REMOTO: SIMPLES, OU COM GELO?

Foi um abalo sísmico. De um momento para o outro uma forma de trabalhar que era considerada experimental passou a ser regra para milhões de pessoas em todo o mundo. Mas se é verdade que o trabalho remoto emergiu com a pandemia, resta saber se manterá, no futuro, o mesmo élan.

TEXTO DE TERESA RIBEIRO FOTOS ISTOCK E CEDIDAS

**A**ssim que começou a ser adotado a uma escala nunca antes vista, depressa se concluiu que o trabalho remoto veio para ficar. Mas será que, a médio prazo, quando finalmente a COVID-19 nos deixar em paz, o interesse por esta forma de trabalhar se manterá nos níveis atuais?

Se houve algo de positivo na pandemia foi a pressão que se instalou em todas as organizações para ultrapassar medos e preconceitos face à tecnologia que suporta as comunicações à distância. Só que o trabalho remoto está longe de se esgotar na prática regular de reuniões realizadas por videochamada. Acresce que existem questões culturais que não se ultrapassam em poucos meses e que estão na base das relações laborais tradicionais. Questões como a organização do trabalho, interação das equipas e exercício da liderança são tão críticas para as empresas como a própria faturação.

clarações de intenções proferidas por muitos *players*, a adoção do trabalho remoto não é possível ou compensa pouco em mais de metade das ocupações. Mesmo em profissões onde o desempenho não é braçal e até em muitas em que a tecnologia está presente, o modelo remoto não é praticável ou compensador. Veja-se neste último caso o exemplo das profissões ligadas à medicina, ou dos investigadores que só em laboratório podem aceder aos equipamentos em que trabalham.

O ensino foi outra área referida pelos investigadores do McKinsey Global Institute como sendo problemática. Segundo apuraram junto dos países em estudo, a tendência geral de pais e professores foi a de considerarem a experiência do ensino à distância insatisfatória, com reflexos negativos no aproveitamento dos alunos. Também juízes e advogados se queixaram das audiências em tribunal *online*, assim como terapeutas e treinadores.

O certo é que a experiência proporcionada pela pandemia foi importante não só para demonstrar o potencial do trabalho remoto, mas também para ajudar a traçar estas linhas vermelhas.

#### SINAIS CONTRADITÓRIOS

Pragmáticos, os orientadores deste estudo definiram duas métricas para avaliar o futuro do trabalho remoto: a que classifica as atividades que revelam potencial máximo para a sua adoção em larga escala, e a que avalia as possibilidades das áreas onde o desempenho à distância pode ser vantajoso. De parte deixaram as

atividades que dependem ou beneficiam claramente da presença humana no local de trabalho.

Definido assim, o cenário para o crescimento do trabalho remoto revelou-se claro. No topo das atividades com maior potencial para o incremento deste modelo, os investigadores do McKinsey Global Institute colocaram as finanças e os seguros, “pois são áreas em que os seus profissionais despendem três quartos do seu tempo a desenvolver tarefas que podem ser feitas remotamente sem afetar a produtividade”. Sem surpresa, foram também identificadas como atividades perfeitas para o desempenho à distância as mais



*“O grande desafio que se coloca à gestão de uma empresa que se baseia no modelo remoto é a constituição de uma cultura corporativa forte”*

Job Van der Voort, CEO e *co-founder* da Remote

Por isso, quando houver tréguas por parte do vírus, muitas organizações poderão ser tentadas a recuar até à sua zona de conforto, esquecendo tudo o que aprenderam.

Para perceber como é que o trabalho remoto vai evoluir em todo o mundo, o McKinsey Global Institute fez um estudo onde analisou 2.000 ocupações, 800 profissões e o mercado laboral de nove países: China, França, Alemanha, Índia, Japão, México, Espanha, Reino Unido e Estados Unidos. Numa análise fria, os investigadores que colaboraram neste trabalho sublinharam no preâmbulo do estudo que apesar das de-



**Sem iludir as dificuldades inerentes a um processo de adaptação ao modelo *remote*, já são vários os *players* que começam a olhá-lo com uma outra atenção. Mas muitos terão a tentação de recuar para a sua zona de conforto, logo que a pandemia passe**

diversas funções ligadas às TIC, desde *webdesigners* a administradores de bancos de dados. Em regra, referem estes analistas, trata-se de profissões muito bem pagas, desempenhadas por profissionais altamente qualificados e que requerem capacidade para resolver problemas ou gerir negócios e pessoas.

Noutro patamar, o estudo coloca as atividades que podem beneficiar do desempenho à distância, dependendo da forma como são geridas e do mercado onde estão inseridas. Esta categoria é muito abrangente, mas tem em comum o facto de ser composta por profissões cujo trabalho é predominantemente intelectual.

#### ASSIMETRIAS

Para perceber o impacto que a adoção do trabalho remoto tem nas diversas economias, o estudo comparou realidades muito diferentes. Concluiu que em mercados como o Reino Unido, onde os negócios e serviços financeiros têm elevada expressão, haverá possibilidade de escalar esta forma de trabalhar sem afetar os

índices de produtividade nacionais. Ao passo que nas economias emergentes, onde a grande maioria da força de trabalho está concentrada em atividades onde nem sequer é possível aplicar o modelo remoto, não é aconselhável apostar no teletrabalho em grande escala, sob pena de tal se refletir negativamente na produtividade global desses países. Até porque fatores como a conectividade são críticos para alcançar resultados.

Um investigador da Universidade de Stanford, citado no estudo da McKinsey, descobriu que apenas 65% dos americanos que inquiriu sobre a sua experiência em teletrabalho durante a pandemia disse ter em casa um serviço de *internet* suficientemente robusto para suportar, sem problemas, videochamadas. Apesar de esta ser uma evidente dificuldade, a verdade é que, por sua vez, cerca de 41% dos profissionais consultados pela McKinsey sobre este tema consideraram que foram mais produtivos durante a pandemia, enquanto estiveram em teletrabalho. Mas estes sinais contraditórios são típicos de períodos de transição.

## UMA LEBRE CHAMADA REMOTE

Quando Job Van der Voort fundou, há cerca de um ano, a Remote.com, ainda estas projeções sobre o futuro do trabalho remoto estavam por fazer. Mas já então ele percebeu que havia no mercado muita gente a necessitar de ajuda para se lançar no setor. Gente que se deparava, por exemplo, com as mais diversas dificuldades ao nível da contratação num mercado global que não está organizado para dar respostas uniformes, que prevaleçam sobre as leis do trabalho de cada país.

Não foi difícil arranjar clientes. Em cerca de um ano a equipa da Remote.com passou de dez para 80 pessoas e a tendência, diz Job, o CEO da Remote, “é para continuar a crescer”. De nacionalidade holandesa, mas casado com uma portuguesa, ele instalou-se em Braga e é de lá que gere os colaboradores que tem espalhados pelo mundo. Atualmente, revela, “a empresa está presente em 20 países e já fatura milhões”.

Além de providenciar aos seus clientes informação sobre as especificidades de diversos países ao nível da legislação laboral, Job e a sua equipa constroem para as empresas ferramentas que facilitam a gestão do trabalho remoto e ajudam na contratação de profissionais um pouco por todo o mundo.

Mas, segundo Job, “o grande desafio que se coloca à gestão de uma empresa que se baseia no modelo remoto é a constituição de uma cultura corporativa forte”, que prevaleça apesar da distância física e da heterogeneidade das equipas, em regra constituídas por nacionalidades diferentes. Mais do que tecnologia é, portanto, de cultura que se fala, quando se discutem as dificuldades de implementação deste sistema de trabalho.

## REMOTE WORK MOVEMENT

Gonçalo Hall, uma das vozes mais ativas na comunidade do nomadismo digital e trabalho remoto, interessou-se por estas matérias quando experimentou ser nómada e depois trabalhador remoto. Intuiu que este era um caminho que valia a pena desbravar há ano e meio, quando lançou o Remote Work Movement.

Longe de imaginar que em breve chegaria uma pandemia que impulsionaria como nunca estas atividades, dedicou-se a 100% à divulgação desta forma alternativa de estar no mundo laboral, ciente de que iria trabalhar para um nicho de mercado. Formou a Remote Portugal e a Remote Europe, organizações que lhe

permitem operar em rede neste segmento, identificando e angariando profissionais que estão interessados neste modelo de trabalho. Da sua oferta constava também serviços de consultoria e formação, bem como a realização de conferências para promoção e divulgação desta forma alternativa de estar no mercado laboral.



*“Na Madeira estamos a preparar uma vila para receber mais de 100 nómadas digitais e depois desta serão criadas mais 5 Digital Nomad Village”*

**Gonçalo Hall, fundador do Remote Work Movement**

Pelas suas contas tinha tudo para crescer gradualmente, de forma sustentada, só que a COVID -19 veio mudar tudo: “Crescemos 300% durante o primeiro confinamento”, comenta com um sorriso. Nessa fase chegou “a fazer 2 a 3 *workshops* por dia”, informa.

Hoje “começa a aumentar a consultoria por parte de empresários que já estão a planear o futuro”, diz. A experiência de Gonçalo Hall indica-lhe que “em Portugal já há muitas empresas a apostar no trabalho remoto, como é o caso da Outsystems e a Talkdesk”. E que não é só entre as empresas de *software* que essa opção se está a colocar: “Entre os meus clientes mais recentes estão uma agência de *marketing* e uma agência de comunicação”, partilha.

Mais de metade dos clientes de Gonçalo são portugueses. Em regra, trata-se de “empresas com mais de 150 pessoas”, mas durante o confinamento também foi contactado por PME. O CEO da Remote Portugal e da Remote Europe diz que todos os seus clientes empresariais “têm a intenção de reduzir os escritórios em mais de 50%”. A prazo querem transformá-los em espaços de *co-work* onde as pessoas se deslocam para reunir e organizar pequenos eventos.

É todo um conceito de trabalho que muda. Uma onda que conquistou, na sua opinião, o número suficiente de pessoas para que o universo laboral nunca mais volte a ser o mesmo: “Resolvido o problema da confiança, algo que pode ser ultrapassado pelas empresas através da adoção de métricas para a produtivi-

dade dos seus empregados, todos ficam a ganhar com a implementação do trabalho à distância ou de modelos híbridos que combinam o fator presencial e o remoto”.

De resto, depois de terem experimentado o teletrabalho, há muitos profissionais que já não querem voltar ao escritório a tempo inteiro, conforme sublinha Gonçalo Hall: “Estou a ser contactado por pessoas que já sabem que vão ser obrigadas a voltar ao escritório e que não querem, por isso estão dispostas a mudar para empresas onde possam trabalhar remotamente”.

Convicto de que este movimento se vai instalar, quanto mais não seja porque a próxima geração de líderes já é inteiramente *millennial* e portanto sensível a conceitos como felicidade e flexibilidade no trabalho, o líder do Remote Work Movement identifica sinais de mudança: “Vamos assistir à criação nas empresas do Head of Remote. O Facebook já está a contratar publicamente essa figura e o Twitter também já criou esse cargo”.

Entretanto um projeto que está a desenvolver para o Governo Regional da Madeira reforça a ideia de que em Portugal esta transformação já começa a ser uma realidade: “Na Ponta do Sol (Madeira) estamos a preparar uma vila, que se encontrava abandonada, para receber mais de 100 nómadas digitais e depois desta serão criadas mais cinco Digital Nomad Villages. Vamos formar uma comunidade com pessoas de todo o mundo e acreditamos que o impacto vai ser gigante, até porque Portugal tem estado sempre muito bem classificado na Nomadlist, um índice reconhecido pela comunidade nómada digital e que mapeia os lugares considerados melhores para se trabalhar remotamente”.

#### SER REMOTE FIRST

A *insurtech* Coverflex tinha acabado de se instalar no seu primeiro escritório quando a pandemia chegou a Portugal. Para Nuno Pinto, CEO e *co-founder*, foi um balde água fria, ter de mandar toda a gente para casa depois de ter investido tanto naquele espaço. Mas a mudança de planos inspirou-lhe uma decisão estratégica: transformar a jovem empresa numa *remote first company*.

Primeiro estranhou-se, depois entranhou-se: “A experiência que tivemos nos últimos meses foi muito positiva. Não sentimos quebra de produtividade, muito pelo contrário, e fomos bastante rápidos a adaptar-nos à nova situação”, conta Nuno Pinto.

Importante foi consultar uma empresa para auxiliar a fazer o diagnóstico do impacto do *remote*: “Ajuda-

ram-nos a definir os momentos que devemos ter com as equipas, a tratar dos processos de comunicação assíncronos e a construir processos comunicacionais entre departamentos”, refere. Uma das decisões que destaca foi também a de atribuir um *remote budget* às suas pessoas para que pudessem comprar material de escritório para as suas casas.

No futuro, o CEO da Coverflex acredita que muita coisa mudará: “As pessoas vão querer voltar a sentir a presença dos colegas, mas ao mesmo tempo não deixarão abdicar de estar em casa, sobretudo nos dias em que o trabalho exige mais concentração. Por estes motivos muitas empresas vão tornar-se, pelo menos, *remote friendly*”.

A transformação da Coverflex numa *remote first company*, abre, aos olhos de Nuno Pinto, novas perspetivas a nível de recrutamento: “Um dos efeitos positivos que esta situação nos traz é um grande potencial em termos de multiculturalidade. A partir de agora sabemos que podemos ter as pessoas que não estão habituadas a uma cultura de escritório, inclusive pessoas de outros locais do mundo.”

Sem iludir as dificuldades inerentes a um processo de adaptação ao modelo *remote*, já são vários os *players* que começam a olhá-lo com uma outra atenção. Até porque esta opção traz vantagens óbvias às empresas, com diminuição de custos ao nível logístico e facilidade de contratação dos melhores profissionais no mun-



**“A partir de agora sabemos que podemos ter as pessoas que não estão habituadas a uma cultura de escritório, inclusive pessoas de outros países”**

Nuno Pinto, CEO e *co-founder* da Coverflex

do.

As famílias e em particular as mulheres também beneficiarão em termos de *work-life-balance*. Quanto à economia, novas oportunidades surgirão, nomeadamente para o consumo local. Talvez seja o fim dos “dormitórios” de subúrbios e o início de uma nova vida nas regiões do interior. Quem quer arriscar a fazer diferente?\*

# Um mundo de novas possibilidades

Os *uses cases* de outros mercados comprovam os ganhos efetivos da nova geração móvel. Os *players* nacionais têm grandes expectativas e todos querem ter um papel relevante a desempenhar.

Texto de Isabel Travessa



>> <https://youtu.be/FPF3AdoDLtg>



**S**e na fase inicial do 5G, quem beneficiará mais será o consumidor, a prazo o potencial de ganhos nos vários setores de atividade, como o automóvel e os portos, será verdadeiramente exponencial. Os exemplos que vêm dos mercados onde já existe oferta da nova geração comprovam estas expectativas. Em Portugal, e à espera do arranque, todos os *players* querem ter um papel relevante a desempenhar. Aliás, e como referiu Nuno Roso no início da *talkcommunications* sobre o “O Futuro com 5G nas Indústrias Automóvel e Portuária”, o ecossistema mundial do 5G já está a crescer rapidamente. Para o head of Digital

Services da Ericsson Portugal, além da velocidade e latência, o 5G trará três características fundamentais para que tudo funcione, principalmente em situações de *mission critical*: fiabilidade da rede, segurança e precisão.

Por exemplo, os casos de uso na indústria automóvel revelam que “fábricas e indústria 4.0 andam de mãos dadas com o 5G”, porque só a nova geração permite realidades como a monitorização remota de *devices* a automação e robotização ou *tracking* de materiais. “Tudo isto fará com que o *floor* de uma fábrica seja dinâmico e não rígido, permitindo que se possa adaptar às condições

de mercado de forma muito mais célere”, destacou.

Juan Calero González, *Sales engagement principal* da

Ericsson Espanha, acrescenta que há quatro grandes tendências na indústria automóvel - conectividade, automatização, redefinição de modelo de negócio

e eletrificação – e que o 5G é a resposta a estes desafios.

Também nos portos, onde tudo se move num ambiente dinâmico, o 5G surge como a única tecnologia que permite fiabilidade, segurança e baixa latência, trazendo consigo um mundo de novas aplicações.

Centrando-se no caso dos portos e do *use case* do Porto de Livorno, um dos maiores portos comerciais em Itália, que está em processo de digitalização no âmbito do projeto tecnológico 5G Corealis, Claudio Diotallevi, *partner manager* de Transport & logistics da Ericsson Itália, diz que o objetivo é trazer inteligência ao porto. Endereçando os desafios do desenvolvimento sustentável, eficiência de custos, proteção do ambiente e benefícios sociais. Para isso, foram introduzidas tecnologias inovadoras, como a IoT, realidade aumentada ou *data analytics* e comprovou-se que o 5G é a resposta.

No porto de Aveiro, que inclui o porto da Figueira da Foz, já se está a pensar no 5G e nas oportunidades que poderá trazer. Sendo um projeto que cresceu com a indústria, o objetivo é reforçar essa aproximação, apostando-se na diferenciação. O que passa pela criação de um ecossistema que permita a implementação da tecnologia 5G, como avança Isabel Moura Ramos. Para a *executive board member* do porto de Aveiro,

**Quantos mais se atrasar o 5G, mais se atrasarão os casos de estudo, prejudicando as expectativas criadas**

há que ter uma estratégia de longo prazo, que aposte na digitalização, conectividade, descarbonização, ope-

rações inteligentes e melhoria das acessibilidades marítimas e das infraestruturas. É isso que se está a fazer, num projeto integrado e em ecossistema, com o objetivo de

ser “*smart, safe e sustainable*”.

Na Brisa/Via Verde já há muito que se dão passos na digitalização e na inteligência das infraestruturas e dos serviços. O grupo “tem-se posicionado em várias frentes com a visão dos carros autónomos que, com o 5G, vão ganhar outro nível de desempenho”, afirma João Oliveira. O diretor VV *connected cars* da Via Verde, destaca a sensorização das autoestradas e uma maior eficiência da gestão do tráfego e das infraestruturas, numa visão que evoluiu, nos últimos anos, das infraestruturas para as pessoas, criando valor para estas. Por isso, todos consideram que é necessário avançar rapidamente com o arranque comercial do 5G no mercado nacional. É que, como destaca Nuno Roso, fabricantes, operadores e parceiros estão preparados para começar a desenvolver as redes, não havendo quaisquer problemas do ponto de vista técnico e tecnológico. Quanto mais se atrasar o arranque do 5G, mais o país se atrasará no desenvolvimento de casos de estudo, prejudicando as expectativas criadas por consumidores e indústrias.



**CLAUDIO DIOTALLEVI,**  
*Partner manager Transport & Logistics,*  
Ericsson Itália



**ISABEL MOURA RAMOS,**  
*Executive board member,* Porto de Aveiro



**JOAO OLIVEIRA,**  
*Diretor, da VV Connected Cars, Brisa/Via Verde*



**JUAN CALERO GONZALEZ,**  
*Sales engagement principal,* Ericsson Espanha



**NUNO ROSO,**  
*Head of Digital Services* Ericsson Portugal



**SANDRA ALMEIDA,**  
*Executive director,* APDC

# Garantir um amanhã mais *smart*

No alargado ecossistema da mobilidade, a chegada do 5G é vista como um processo e não como uma disrupção. Será uma jornada, com *uses cases* cada vez mais complexos e autónomos, que trará consigo um futuro mais inteligente e conectado.

Texto de Isabel Travessa



>> <https://youtu.be/6R3ch0RafCk>



**A**s redes 5G estão já a chegar aos vários mercados e dão-se importantes passos para preparar a mobilidade do futuro. Eficiência, segurança e redução das emissões de carbono são prioridades. Mas há ainda muitas questões por responder e desafios que os *players* da cadeia de valor terão de saber endereçar. Certo é que todos estão envolvidos e a apostar em realidades cada vez mais inteligentes, como ficou claro na *talkcommunications* “O Futuro com 5G na Mobilidade”. “À medida que as novas funciona-

lidades do 5G forem introduzidas, assim como os respetivos *standards*, será possível dar um salto incremental na mobilidade, com segurança cada vez mais avançada, manobras coordenadas e controlo remoto de veículos. Débito, latência e fiabilidade serão determinantes, assim como o *edge computing* e o *network slicing*”, começa por salientar Ricardo Pinto, *customer solutions manager* da fabricante da Nokia. Mas esta “visão do futuro da mobilidade” exige um esforço conjunto, do ponto de vista dos parceiros, num verdadeiro trabalho em ecossistema

para se encontrarem as melhores soluções. Um dos grandes projetos é o 5G MOBIX, financiado pelo programa Horizonte 2020, que deverá terminar em julho de 2022. Envolve 50 parceiros de 11 países europeus e 10 parceiros da China e Coreia do Sul e visa testar e validar o 5G no contexto CCAM (*Cooperative, Connected and*

*Um dos grandes projetos na área da mobilidade é o 5G Mobix, financiado pelo programa Horizonte 2020*

*Automated Mobility*), incluindo numa perspectiva de corredores *cross-border*. Como o corredor Portugal-Espanha, entre Porto e Vigo, onde estão a ser testadas soluções de automação na condução, melhoria de serviços a bordo nos transportes públicos e veículos elétricos não tripulados, com operação remota autónoma. A NOS é um dos operadores que participa. Carla Botelho, diretora de Programa 5G e Transformação da NOS, destaca que o projeto é visto “como uma iniciativa de enorme relevo no contexto da mobilidade na Europa, onde o operador está muito apostado”. Através deste projeto, que tem sido “muito exigente”, é possível perceber como se deverá adaptar a rede móvel às novas soluções e exigências do futuro. Para a NOS, o tema da mobilidade conectada, que vai transformar a sociedade, ao trazer a redução da sinistralidade, mais segurança, maior produtividade, menor consumo, menor pegada de carbono e melhoria da qualidade de vida, é crucial. “As redes móveis, pelas suas características, estarão no centro destas transformações. Tanto pela sua abrangência como pela sua universalidade, permitirão ligar tudo a tudo”, refere, explicando que há já um conjunto de *uses cases* a ser testados, sendo que

“tudo isto não se faz de um dia para o outro. É uma construção de todo um ecossistema”.

Enquanto tecnológica do grupo Brisa e responsável pelo desenvolvimento de soluções de mobilidade, a *A-to-Be* também está apostada no 5G. Até porque o foco do grupo é a mobilidade para as pessoas e a nova geração permitirá

a implementação de cenários muito mais complexos, que envolverão todo um ecossistema, como explica Frederico Vaz, CTO da empresa. A participação no 5G MOBIX tem permitido “estudar realmente qual é a melhor solução e a melhor tecnologia, assegurando maior segurança e mais informação”.

Mas persistem muitas dúvidas no mercado, nomeadamente saber como serão geridos os dados dentro do ecossistema, quais os novos modelos de negócio emergentes, qual o papel das entidades europeias ao nível da normalização e como será gerida a segurança. Para Frederico Vaz, “são temas que não estão resolvidos e não são claros. Os *uses cases* associados à mobilidade têm também o objetivo de tentar clarificar estas questões e o ecossistema tem de pensar nisto quando está a desenvolver soluções”.

A coexistência de redes públicas e privadas de 5G, para responder a necessidades específicas de setores de atividade ou de empresas, e o desafio de saber como vão conviver no futuro os carros conectados com os carros autónomos e os veículos convencionais, foram outros temas abordados neste encontro. •



**CARLA BOTELHO,**  
Diretora de Programa 5G e Transformação, NOS



**FREDERICO VAZ,**  
CTO, Brisa



**RICARDO PINTO,**  
Customer solutions manager, Nokia



**SANDRA ALMEIDA,**  
Executive director, APDC

# Responder à medida e com flexibilidade

A pandemia veio acelerar a procura de soluções de *IT as a service* em quase todos os setores de atividade. Há claras vantagens nestas ofertas e os fornecedores estão atentos e têm respostas cada vez mais ajustadas à dinâmica do mercado.

Texto de Isabel Travessa



>> <https://youtu.be/er1zr-yUBrM>



**F**lexibilidade, disponibilidade, escalabilidade, *time-to-market* e redução de custos, em paralelo com o desenvolvimento de processos de inovação digital e de transformação – estas são as grandes vantagens que justificam a crescente procura de serviços e soluções de *IT as a service*. No *webinar* sobre “Novos Modelos de Consumo de TI”, ficou claro que o novo normal da pandemia veio acelerar uma tendência que já era evidente em todos os setores de atividade, seja em IaaS (Infraestrutura como Serviço), SaaS (*Software* como Serviço) ou PaaS (Plataforma

como Serviço).

Para Luís Lança, *sales director* da Cilnet, do lado do *IT solutions provider*, “qualquer debate sobre a utilidade de uma *cloud* pública foi deixado de lado com a pandemia”. As organizações tiveram de passar para o teletrabalho, priorizar *softwares* de colaboração, ter gestão de dispositivos móveis diferenciada e garantir segurança à distância, o que “transformou a forma como estamos a fornecer e a operar nestes modelos, criando formas de consumo flexível para dar resposta a necessidades concretas”. Trata-se de disponibilizar

uma oferta diferenciada, com novas soluções que permitam gerir a incerteza em que vivemos.

Um dos clientes da Cilnet que está a acelerar a utilização destas soluções é o BNP Paribas. Tiago Leitão, Diretor de IT e CTO para Portugal, refere que apesar do grupo ter uma política relativamente

conservadora em termos de IT, definiu uma estratégia de adoção do modelo *as a service* bastante ambiciosa, com o objetivo de transformar completamente a sua realidade até 2025. Assente numa parceria estratégica com um fornecedor e num processo à escala global do 9º maior banco mundial, passa pela criação de uma *cloud* privada gerida pelo IT central do grupo, que atuará como *cloud solutions provider* para todas as áreas de negócio e subsidiárias.

Também a HPE disponibiliza mundialmente modelos de *as-a-service* há mais de dez anos. No mercado nacional tem já um grande leque de clientes em todos os setores de atividade e, através da sua oferta Greenlake, fornece ao cliente a tecnologia que este precisa, no seu *datacenter*, em modo flexível de consumo e sob o seu controlo absoluto, como destaca Dennis Teixeira, PointNext Services Sales Manager da subsidiária portuguesa.

A Imprensa Nacional Casa da Moeda (INCM), que opera em áreas tão distintas como a produção de moeda, gráfica de segurança, segurança digital e moeda, publicações oficiais, contrastarias e a edição e cultura, é um dos clientes desta solução.

Segundo o seu diretor de Sistemas de Informação, Nélio Marques, o DNA da empresa - a segurança - não

mudou, mas passou agora a ser cada vez mais digital. Destacando a inovação como "crucial", ela só é

possível através de uma grande aposta nas tecnologias de informação. "Quem não inovar e quem não pensar fora da caixa vai estagnar e eventualmente até desaparecer", acrescenta.

Já a Galp é cliente SAP nos três modelos de *cloud* estratégica para a adoção dos diferentes perfis de consumo. A meta na aposta de soluções *as a service* é obter a máxima flexibilidade, "num grupo com um *landscape* de sistemas muito complexo e que se encontra num ambicioso processo de transformação digital, onde se pretende que a agilidade e a entrega rápida sejam vitais e o fio condutor", como refere o seu Corporate CIDO, Nuno Pedras. Por isso, adotou-se um modelo híbrido que permite ter soluções à medida, numa estratégia assente na *cloud* que usa os modelos IaaS e PaaS mas que não exclui outros modelos, tudo dependendo das necessidades de negócio e dos custos associados. O *cloud sales director* da SAP confirma que o crescimento da procura tem sido sobretudo nas ofertas *cloud* e *as a service*. Saber dar resposta às enormes alterações nas cadeias de abastecimento, adaptando-se à realidade, ou reforçar as formas de chegar às pessoas, tanto colaboradores como clientes, são tendências citadas por Joaquim Freire que atravessaram todos os setores e onde todos estão a fazer investimentos.

*Flexibilidade, escalabilidade e redução de custos são, entre outras, razões para a procura de soluções IT as a service*

Cliente



LUIS LANÇA,  
Sales director, Cilnet



TIAGO LEITAO,  
Director of IT and CTO  
Portugal, BNP Paribas



DENNIS TEIXEIRA,  
PointNext services sales  
manager, HPE



NÉLIO MARQUES,  
Diretor de Sistemas de  
Informação, INCM



JOAQUIM FREIRE,  
Cloud sales director,  
SAP



NUNO PEDRAS,  
Corporate CIDO, Galp



SANDRA ALMEIDA,  
Executive director, APDC

# Transformar num cenário de incertezas

Embora o ano de 2021 seja ainda de enorme instabilidade, as empresas têm de saber para onde ir e ganhar capacidade de responder às novas condições de mercado. Tecnologia e talento são essenciais para se poderem reinventar e inovar.

Texto de Isabel Travessa



>> <https://youtu.be/IQjeE06gXiA>



**A** inovação surge como a prioridade chave das empresas para 2021, como forma de ultrapassar as dificuldades que foram criadas pela pandemia da COVID-19. Ter capacidade para escalar os negócios para formatos mais digitais é outra ambição. Nos parceiros tecnológicos, o que as organizações mais valorizam são: a qualidade, encarada como possibilidade de diferenciação face à concorrência; a capacidade de resposta, sobretudo na oferta de soluções de curto prazo; e a eficiência, como fator de agilidade para responder aos desafios do mercado. Estas são conclusões do *survey* reali-

zado pela APDC e Altran às prioridades de negócio, a que responderam 250 organizações de dez indústrias: aviação, automóvel, banca/seguros, saúde, energia/*utilities*, retalho, AP, telcos e transportes. Foram apresentadas pelo COO e *executive board member* da Altran, Bruno Casadinho, no início do *webinar* "2021: Business Priorities", onde destacou que tudo aponta para uma retoma económica em K, uma vez que o impacto da COVID-19 sobre os negócios e indústrias não é uniforme. Com efeito, há setores que continuam a registar uma forte procura, em paralelo com uma forte transformação (AP, banca/

seguros, saúde e telcos), há outros que, apesar do contexto difícil, não alteraram muito os seus modelos de negócio (energia/*utilities*, manufatura e automóvel) e ainda outros com quebra abrupta da procura e baixa transformação (transportes, retalho e aeronáutica).

Em negócios mais tradicionais, como os seguros, os tempos conturbados da pandemia criaram uma necessidade crescente de

estar mais perto dos clientes e de manter com eles uma relação. Na opinião de José Neves, *chief product office* da Allianz, quer através dos intermediários,

quer diretamente, as empresas passaram a ter de apostar muito mais na jornada do cliente, crescentemente digital. Por isso, o grande desafio passa por “acelerar a transformação digital e organizacional das seguradoras”, que tem de ser olhada como a solução para o futuro.

Marco Costa, general manager EMEA da Talkdesk, tecnológica cujo negócio é a oferta de *software* na *cloud* para criar *call centres*, revê-se nesta posição: “Acreditamos que a experiência do cliente é, de facto, uma vantagem competitiva e um fator de sobrevivência das empresas nos próximos anos”, porque os clientes são mais exigentes e estão a mudar comportamentos. “Estamos a assistir a uma mudança muito grande na forma como a tecnologia suporta a operação de *customer experience* e a adoção muito grande de soluções da *cloud*. Acreditamos que isto vai continuar, porque é uma tendência

tecnológica muito forte”, acrescenta. Avisa ainda que “ninguém sabe muito bem o que vai acontecer nos próximos tempos. Há muita incerteza. O cenário é naturalmente otimista, mas olhamos para as previsões e para a execução ao dia e à semana, para perceber como podemos reagir e adaptarmo-nos ao que são as necessidades e o impacto que a pandemia está a ter nos nossos

clientes atuais e nos novos”. É que olhar para 2021 e antecipar como é que a pandemia poderá alterar a forma de fazer negócio é um exercício complexo, antecipando que

seja um “ano estranho”, ainda de confinamento e de constrangimentos.

No futuro dos negócios, tanto a tecnologia como o talento serão essenciais, mas há sobretudo que saber definir a estratégia certa para inovar, pois a aceleração digital está mesmo a acontecer e quem não a souber acompanhar ficará pelo caminho, porque aparecerá alguém que lhe retirará relevância e competitividade. Um dos desafios passará por saber como humanizar a interação digital.

*Tudo aponta para uma retoma económica em K, visto que o impacto da COVID-19 sobre os negócios e indústria não é uniforme*



**BRUNO CASADINHO,**  
*COO and executive board member, Altran*



**MARCO COSTA,**  
*General manager, EMEA*



**JOSÉ NEVES,**  
*Chief product officer, Allianz*

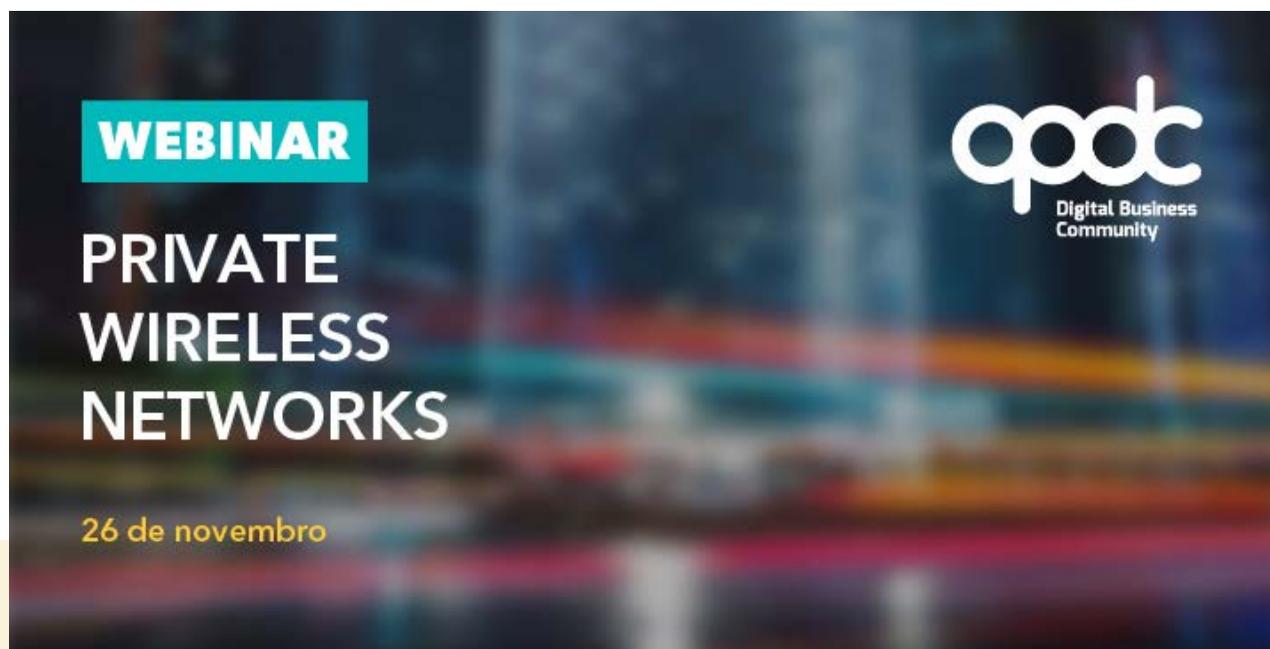


**SANDRA ALMEIDA,**  
*Executive director, APDC*

# Alavanca fundamental de transformação

O ecossistema de IT está pronto a responder a todas as necessidades das empresas, olhando para 2021 como um ano de grandes oportunidades. É que haverá muitos apoios para se fazer uma digitalização sem paralelo em todas as áreas da economia portuguesa.

Texto de Isabel Travessa



>> [https://youtu.be/IQfFxf\\_YPRO](https://youtu.be/IQfFxf_YPRO)



As ofertas tecnológicas estão a evoluir rapidamente, para dar resposta aos novos desafios das empresas, e antecipa-se que vão ganhar um potencial verdadeiramente disruptivo com o arranque do 5G. Depois das aprendizagens e da urgência da transformação digital trazidas pela pandemia, a adoção de modelos híbridos é cada vez mais uma realidade, sendo as *private wireless networks* uma componente essencial para as áreas mais críticas. Estas redes são, na opinião de Ricardo Pinto, *Solutions manager* da Nokia, uma alavanca fundamental de transformação em setores com

operações críticas, como o portuário, aeroportuário, *utilities* ou o auto-móvel. No início do *webinar* sobre "*Private Wireless Networks*", o gestor explicou que só as redes privadas móveis garantem segurança, conectividade, alto desempenho em débito e latência e universalidade, potenciando verdadeiramente a indústria 4.0. Esta solução coexiste com várias outras, alojadas em *clouds* públicas, em modelos tecnológicos que envolvem um ecossistema de operadores, parceiros industriais e outros *players* do mercado, como integradores, fornecedores de *cloud* e consultores. A IBM é um dos parceiros nesta

oferta de soluções de redes móveis privadas. Nesse sentido, tem estado a desenvolver várias ofertas *cloud* e

*edge*, assentes numa plataforma híbrida de *multicloud*, que disponibiliza “uma arquitetura muito estruturada e olha para a componente de infraestrutura, esteja ela onde estiver”;

adianta Paulo Coelho, diretor de *Multicloud Services and Solutions* da IBM. Que explica que este tipo de soluções trará uma maior complexidade à gestão de infraestruturas, já que ao invés de se ter uma computação centralizada num ou dois *data centres*, o número multiplica-se por centenas ou milhares. Por isso, a tecnológica está a desenhar soluções para garantir uma gestão mais simplificada.

Com mais de 200 *data centres* em todo o mundo, a Equinix tem capacidade para levar as redes privadas até todas as localizações onde os clientes têm de se ligar, no âmbito deste novo paradigma de ecossistemas complexos, com interligações a vários *players*, fornecedores e clientes. Carlos Paulino, *managing director* da Equinix, não tem dúvidas de que “o mundo ficou mais complexo na forma como faz negócios. E que, para competir na economia digital, as empresas têm de tornar os seus negócios digitais”.

Face a sistemas muito complexos, com múltiplos *devices* interconectados, a capacidade de manter a privacidade surge como um desafio adicional para as indústrias, porque todas estão em transformação e a concorrência pode surgir das mais variadas formas e lugares. Por isso, “cada um tem de procurar as melhores soluções dentro do que será o

paradigma das novas capacidades, incluindo do 5G, que será totalmente revolucionário”, assegura este responsável.

Os portos são um dos setores que mais valor poderão retirar de uma rede móvel privada. Nos nove portos nacionais, há duas décadas que se aposta

na digitalização, com o desenvolvimento da Janela Única Portuária, sistema colaborativo para dar resposta às necessidades operacionais de cada porto, para integrar com autoridades e agilizar processos. Recentemente, o sistema foi alargado à cadeia de transportes, para criar uma plataforma de colaboração entre todos os atores, com informação em tempo real, alinhamento, harmonização de procedimentos e sincronização, como explica Cláudio Pinto, *Information Systems Division manager* da Associação dos Portos de Portugal (APP). E o passo seguinte será a ligação a outras plataformas e serviço. É neste âmbito que as redes privadas móveis poderão servir de acelerador da transformação e em 2021 começarão a ser programadas as medidas, com a ambição de se aproximarem dos portos mais competitivos da Europa.

Comentando o impacto da pandemia nos investimentos, os oradores admitem que trouxe alguns constrangimentos e atrasos. Mas como veio colocar em cima da mesa a necessidade de digitalização, 2021 é olhado com otimismo. É que com os programas de apoio, “há uma oportunidade para fazer projetos de digitalização que de outra forma não seriam feitos”, embora os clientes procurem soluções com retornos mais imediatos. Agora, há que acelerar. •

*As private wireless networks são um dos recursos tecnológicos que podem ajudar a acelerar a recuperação em 2021*



CARLOS PAULINO,  
*Managing director, Equinix*



CLAUDIO PINTO,  
*Information Systems Division manager, APP*



PAULO COELHO,  
*Director of Multicloud Services and Solutions, IBM*



RICARDO PINTO,  
*Solutions manager, Nokia*



ISABEL TRAVESSA,  
*Content manager, APDC*

# Cooperação e partilha: as peças chave

A pandemia trouxe aprendizagens e lições que poderão ser usadas para desenhar as cidades do futuro. A tecnologia é um acelerador da mudança, mas só um trabalho em ecossistema garantirá territórios mais inteligentes, sustentáveis e coesos.

Texto de Isabel Travessa



>> <https://youtu.be/joMvrGLKeSk>



**H**á tendências que foram aceleradas com a COVID-19, como o trabalho remoto ou a transformação digital, que vieram trazer às cidades novos desafios e estratégias para dar resposta ao novo normal. Antevendo-se para 2021 o início da recuperação económica e social, as regiões terão de acelerar a sua mudança. Com colaboração e partilha, o futuro do país será muito mais risonho, como ficou provado no *webinar* "Novo Normal nas Cidades do Futuro", realizado no âmbito da *Secção Healthy & Sustainable Cities*, que juntou autarcas e gestores de tecnológicas.

Depois da urgência sanitária, vivemos uma emergência económica e, cada vez mais, social, a que é preciso ter atenção, já que se deverá agudizar nos próximos meses. O alerta foi de Miguel Pinto Luz, vice-presidente da Câmara de Cascais e o primeiro *keynote speaker* do evento. Referindo o caso concreto de Cascais, que desde a primeira hora teve capacidade de resposta, graças à transformação tecnológica realizada nos últimos 15 anos, num processo de inovação que nunca parou. A colaboração dos parceiros/fornecedores para reforçar onde foi preciso foi também essencial para usar a tecnologia



**MIGUEL PINTO LUZ,**  
Vice-Presidente C.M. Cascais



**JOSÉ CARLOS BARREIRA MARTINS,**  
Diretor do Departamento de Inovação e TIC da  
C.M. Oeiras



**PEDRO CEPEDA,**  
Vereador do Planeamento e Desenvolvimento  
Económico C.M. Penafiel



**PAULO SANTOS,**  
*Expertise executive lead, Axians*



**JOEL CURADO SILVEIRINHA,**  
*Head of Digital Transformation Smart Cities,  
Country Digital Acceleration, Cisco Switzerland*



**TIAGO COSTA,**  
*Western Europe senior partner, Kaizen Institute*



**VLADIMIRO CARDOSO FELIZ,**  
Presidente da Secção HG&SC, APDC

como um “um facilitador das políticas públicas”.

Convicto de que “estamos a viver uma guerra contra a pandemia”, mas que as infraestruturas não foram destruídas e os territórios estão intactos, o autarca diz que “estamos todos preparados, como comunidade e país, privados e setor público, para logo que seja possível abrir de novo a economia e a sociedade, posamos voltar de novo a crescer”.

Na Câmara de Penafiel, os desafios da pandemia também se sentiram fortemente. Pedro Cepeda, vereador do Planeamento e Desenvolvimento Económico, o segundo *keynote speaker* do evento, começou por destacar, citando a cientista Elvira Fortunato, que “cooperação e partilha são a chave para o futuro”. É que na próxima fase, de superação, serão fundamentais para responder aos desafios da liderança e coesão territorial, o que implicará a implementação de estratégias de desenvolvimento local e o combate ao acentuar das assimetrias.

A inteligência urbana é vista como outro desafio e também aqui terá de haver um reforço da tomada de decisão política com base em dados, ciência e factos, para capacitar os decisores para a gestão do dia-a-dia e para apoiar o planeamento do

futuro e o desenvolvimento estratégico. Transparência, prestação de contas e disponibilização de informação pública também são críticas. Em Oeiras, concretamente na Educação, depois da estratégia para assegurar o ensino *online* no concelho, a autarquia está a preparar o futuro. José Martins, diretor do Departamento de Inovação e Tecnologias de Informação e Comunicação da Câmara Municipal de Oeiras, explicou esta mudança de paradigma no ensino, “suportada por tecnologia e infraestrutura fortes, que são um requisito essencial, até porque as escolas continuam a ter grandes debilidades”.

Mas qual deverá ser a abordagem das autarquias para responder às necessidades dos cidadãos? Tiago Costa, *Western Europe senior partner* do Kaizen Institute, defende que, olhando para os processos autárquicos, terá de haver uma reengenharia de processos, garantindo que se elimina o desperdício (tarefas que não acrescentam valor) e focando no serviço ao cliente/cidadão/munícipe. Joel Silveirinha, *head of Digital Transformation Smart Cities e Country Digital Acceleration* da Cisco Switzerland, conhece bem a forma como os governos nacionais e locais tiveram de se ajustar aos condicionalismos

da pandemia. O grupo que integra tem apostado na ajuda ao setor público e em parcerias para criar valor em ecossistema, como o programa Country Digital Acceleration, que já criou uma rede de 35 países, incluindo Portugal, para desenvolver soluções tecnológicas e projetos digitais.

“Os interlocutores que estão à frente das cidades têm, de facto, uma realidade muito complexa e com um grau de incerteza crescente”, considera Paulo Santos, *expertise executive lead* da Axians, porque se ainda há muitas questões sem resposta e não se sabe o que vai acontecer, há que planear o futuro. Por isso, é necessário mudar de paradigma, aproveitando todo o potencial das tecnologias emergentes, para criar “cidades mais proativas e inteligentes”, assentando a gestão dos pólos urbanos em quatro pilares tecnológicos: dados, IA, IoT e 5G.”



Carla Sequeira (CIP) e António Leite (IEFP), juntos numa parceria mobilizadora

# *Chegar depressa às micro e PME*

**Poderia ser mais uma iniciativa de entre as muitas que se destinam a desenvolver competências digitais no mercado de trabalho nacional, mas o programa Emprego + Digital destaca-se claramente. Pela sua dimensão e flexibilidade.**

TEXTO DE TERESA RIBEIRO FOTO DE VÍTOR GORDO/ SYNCVIEW E CEDIDA

**R**esultado de uma parceria entre a Estrutura de Missão Portugal Digital (EMPD), o Instituto do Emprego e Formação Digital (IEFP) e a Confederação Empresarial de Portugal (CIP), o programa Emprego + Digital leva às empresas formação à medida e esta é a grande diferença em relação a outros programas de formação em competências digitais.

Este foco nas necessidades de cada participante só é possível graças a todo um trabalho prévio, feito pelas associações empresariais que se juntaram a esta iniciativa, e que conhecem bem o terreno, como sublinha Carla Sequeira, secretária-geral da CIP: “São elas que estão a identificar as empresas, a fazer o diagnóstico de necessidades e a desenvolver ações de formação”.

Estas sessões são desenhadas de forma realmente flexível: “As empresas podem realizar formações desenhadas específica e exclusivamente para os seus colaboradores ou solicitar a sua participação em ações mais transversais, desenvolvidas nas instalações das associações para várias empresas”, explica Carla Sequeira.

O programa começou dia 18 de dezembro e desenrolar-se-á por todo este ano. Vão ser cerca de 1.500 cursos, com duração entre 50 e 100 horas, que capacitarão gratuitamente um máximo de 25.000 profissionais dos mais diversos setores. António Leite, vice-presidente do Instituto de Emprego e Formação Profissional, adianta que esta iniciativa conta com um financiamento de 6,3 milhões de euros, investimento que se espera que vá impactar com abrangência e rapidez o mercado de trabalho nacional: “Através deste programa melhoramos a situação dos trabalhadores e das empresas e garantimos uma subida significativa dos níveis de qualificação no domínio das competências

digitais, que todos nós sabemos serem absolutamente essenciais para o país”. É, pois, um 3 em 1 que se espera que impacte em particular as micro e PME tradicionais, em regra as mais vulneráveis e que formam a maioria do tecido empresarial português.

Através dos centros de formação das associações empresariais filiadas na CIP e do próprio IEFP, serão lecionadas matérias tão diferentes como gestão digital de documentos, CRM, ERP, marketing digital, segurança digital, proteção de dados pessoais, teletrabalho, análise e gestão de dados. Na componente mais específica, ao nível das operações de produção, haverá ainda formação sobre programação CNC, CAM, procedimentos técnicos de CAD, modelação e impressão 3D entre outras tantas matérias de alto valor acrescentado em termos de qualificação.

O acesso a estes cursos é feito através das associações empresariais, pelo que as empresas interessadas devem contactá-las para proceder à inscrição.

António Leite espera que este programa se torne ainda mais abrangente através de novas adesões. Para já “existem 15 protocolos assinados”, revela. Mas o objetivo é que “nenhuma empresa fique excluída, pois queremos chegar o mais longe possível”.

Otimista, Carla Sequeira diz que o Emprego + Digital tem tudo para ser bem-sucedido: “Foi desenhado por três entidades que, em conjunto, conhecem bem a realidade empresarial e laboral, as regras de financiamentos disponíveis e o enquadramento digital para onde o mercado está a evoluir”.

Os dados estão lançados...✦



## IA E MACHINE LEARNING PARA ALARGAR PROCESSAMENTO DE LINGUAGEM

**ALARGAR** os recursos de processamento de linguagem natural, inteligência artificial e *machine learning* através da plataforma SAS Viya para apoiar a atividade da US Food and Drug Administration (FDA) é a meta de uma parceria que acaba de ser firmada por 40 anos com a tecnológica. O SAS apoiará a FDA no seu processo de transformação digital através deste acordo, estimado em 49,9 milhões de euros. Os projetos iniciais serão o Centro de Avaliação e Pesquisa de Medicamentos (CDER), que ajuda a garantir que os medicamentos para seres humanos sejam seguros e eficazes para o uso pretendido. A FDA avançará a iniciativa do CDER para modernizar os programas de regulamentação de medicamentos; fornecer uma monitorização analítica das instalações de fabrico de medicamentos; e cumprir com a missão do centro através de outras iniciativas importantes.

## AMPLIFICAR VANTAGENS PARA PARCEIROS E CLIENTES

**CHAMA-SE** HP Amplify e foi criado como um programa de canal global para parceiros, otimizado para impulsionar o seu crescimento sustentado e proporcionar experiências consistentes aos clientes finais. Disponibiliza os conhecimentos, capacidades e ferramentas de colaboração necessárias para impulsionar o crescimento e prosperar no atual mercado competitivo. A quase totalidade dos parceiros do canal profissional HP já estão no programa, diz a tecnológica. Construído sobre uma estrutura integrada com duas vias distintas - Synergy e Power - o Amplify remove a complexidade, tornando-se mais fácil para os parceiros tirarem partido dos seus benefícios, enquanto aprofundam a relação com os seus clientes. Trata-se de um programa moderno e digital, sendo um reflexo da constante transformação em que vivemos. Já em funcionamento para parceiros comerciais, antecipa-se a transição dos parceiros no retalho, na segunda metade de 2021.



## FAZER A DIFERENÇA NAS COMPETÊNCIAS DIGITAIS

**DEPOIS** de no ano passado a Google ter formado no mercado nacional mais de 35 mil portugueses através do seu Atelier Digital, a tecnológica acaba de lançar novos cursos *online* gratuitos, concebidos para quem está à procura de emprego, “independentemente do posto de trabalho que pretende ocupar e respetiva formação”. Depois de ter feito em setembro do ano passado um MoU com o governo, que se materializou no programa “Grow Portugal with Google”, a gigante tinha como meta treinar 32 mil portugueses em competências digitais até final do ano, número que conseguiu superar. Agora, tem dois novos cursos *online* grátis, disponíveis através do Atelier Digital: “Inicie um currículo” e “Utilize a Google para obter um novo emprego”.

The logo for Google Atelier Digital. The word "Google" is in its signature multi-colored font (blue, red, yellow, green, red). To its right, the words "Atelier Digital" are written in a grey, sans-serif font.

## CONSOLIDAR OFERTA PARA TRANSFORMAR DIGITALMENTE

**REFORÇAR** o seu papel como um parceiro-chave na engenharia, *design*, implementação e operação de serviços de rede - voz, dados, vídeo, fixo, móvel, 5G e IoT - para clientes nas áreas das telecomunicações, industrial, energia e infraestruturas foi a meta do novo investimento da Accenture. Com a compra da Arca, empresa ibérica de serviços de engenharia com foco em operações de rede 5G, pretende impulsionar as capacidades de rede nos mercados de Espanha e Portugal, oferecendo aos clientes um conjunto abrangente de serviços de transformação, que vão desde a estrutura da rede 5G até à engenharia, operações e serviços da indústria. Serão combinados os serviços multidisciplinares para operações de rede, apoiados por uma plataforma integrada que automatiza a monitorização de rede, otimiza processos e prevê anomalias do sistema, com a plataforma SynOps da Accenture, o que aumentará a capacidade em ajudar as organizações a direcionar os modelos operacionais para novas formas de crescimento.





## INOVAÇÃO SOCIAL EM PARCERIA DE ÂMBITO NACIONAL

**CRIAR** um conjunto de benefícios nas comunicações eletrónicas e serviços conexos para as santas casas da misericórdia, num total de 387, e implementar projetos e soluções tecnológicas inovadoras com impacto social, principalmente dirigidas ao apoio domiciliário sénior, são metas da renovação do acordo anunciado entre a NOS e a União das Misericórdias Portuguesas. Face ao atual contexto de pandemia, soluções que permitam acelerar a inovação tecnológica de entidades de apoio social podem contribuir diretamente para o combate ao isolamento e garantir a continuidade de atividades de assistência, pelo que este passo vem reforçar o compromisso da NOS em ser “motor da transformação digital da sociedade portuguesa” e reduzir custos para as misericórdias em serviços como voz móvel, envio massivo de SMS, *internet* móvel, voz fixa, televisão, gestão de frotas, videovigilância, *e-mail*, *Wi-Fi* nas instalações, acesso remoto seguro, videoconferência, sinalética digital, solução de armazenamento e partilha de ficheiros em *cloud* e virtualização de serviços de IT e Telco.

## INCENTIVAR CIENTISTAS NA RESPOSTA AO ARMAZENAMENTO DE DADOS

**CHAMA-SE** OlympusMons 2021 e é a mais recente edição de um prémio criado pela Huawei para incentivar cientistas de todo o mundo a encontrarem as melhores soluções no âmbito do armazenamento de dados. Este ano, foca-se na ligação continuada entre a indústria, as universidades e os institutos de *research*, na esperança de promover o desenvolvimento sustentado da economia digital através do estabelecimento de uma comunidade global de tecnologia de alto nível. A fabricante justifica esta aposta pelo facto de a inovação estar no seu sangue, trabalhando para “superar desafios de extrema importância” e disponibilizar resultados científicos de relevo. A iniciativa arrancou em 2019.



The Huawei OlympusMons Award Is Now Open for Submissions

Reinventing Data Infrastructure by Overcoming Foundational Technical Challenges



**Junior yesterday.  
Experienced today.  
Expert tomorrow?  
Live your positive digital flow.**

We are an **agile IT services company** that reconciles local excellence – in 26 countries – with the innovative and industrial power of a global leader.

Our mission is to help you **get the most out of the digital flow**. That's why our talents are here, to enable the perpetual renewal of companies by designing digital strategies that meet their business challenges.

**We're ready.**

In Portugal, we are more than 2 500 talents ready to support you in **IT Services, Transformation Projects, SAP, OutSystems and Software**.

[inetum.world](https://inetum.world)

**inetum.**<sup>+</sup>  
Positive digital flow

# Lidere o futuro

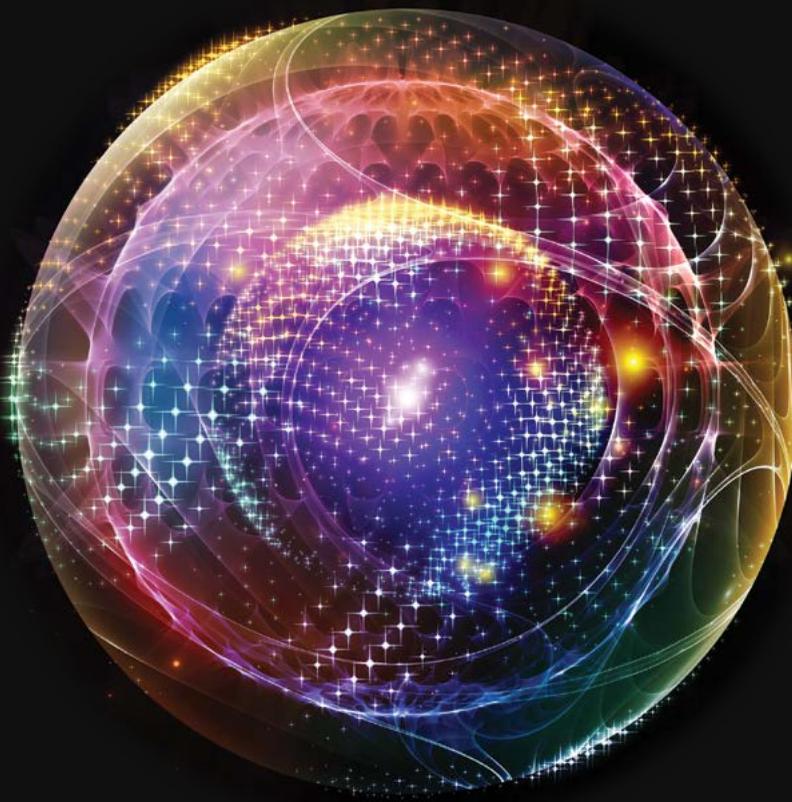
## Saiba o que vai mudar na sua vida e na vida da sua organização

Liderar o futuro é tomar decisões de impacto nos negócios e na sociedade. É saber construir no longo prazo e resolver os maiores desafios, reunindo o melhor conhecimento e experiência.

Por isso, a Deloitte criou um HUB gratuito de conteúdos onde partilhamos o nosso know-how em 10 áreas prioritárias: *Artificial Intelligence, Open Data, Smart cities & Future of Mobility, Robotic & Intelligent Automation, Cyber, Cloud, Future of Work, Future of Regulation, Future of Health, Connectivity of Tomorrow – 5G.*

Continuamos a transformar diariamente os negócios e a sociedade e a antecipar novas tendências e soluções. Juntos, vamos liderar o futuro.

Ligue-se à nossa rede de conhecimento em [www.deloitte.com/pt/hottopics](http://www.deloitte.com/pt/hottopics)



**Deloitte.**